

LIRA NETO

Nuanças, curiosidades e histórias de um jornalismo feito para incomodar

Quando ele nasceu, veio um anjo torto e disse: “Vai, menino, vai ser gauche na vida”.

Mesmo sem entender direito o danadinho do arcanjo, o garoto guardou a recomendação e tratou de dar conta do recado. Tornou-se craque na arte da polêmica, um verdadeiro criador de caso. João de Lira Cavalcante Neto é seu nome de batismo. No jornalismo é Lira Neto. Mas, aqui para nós, João Encrenca lhe cairia como uma luva.

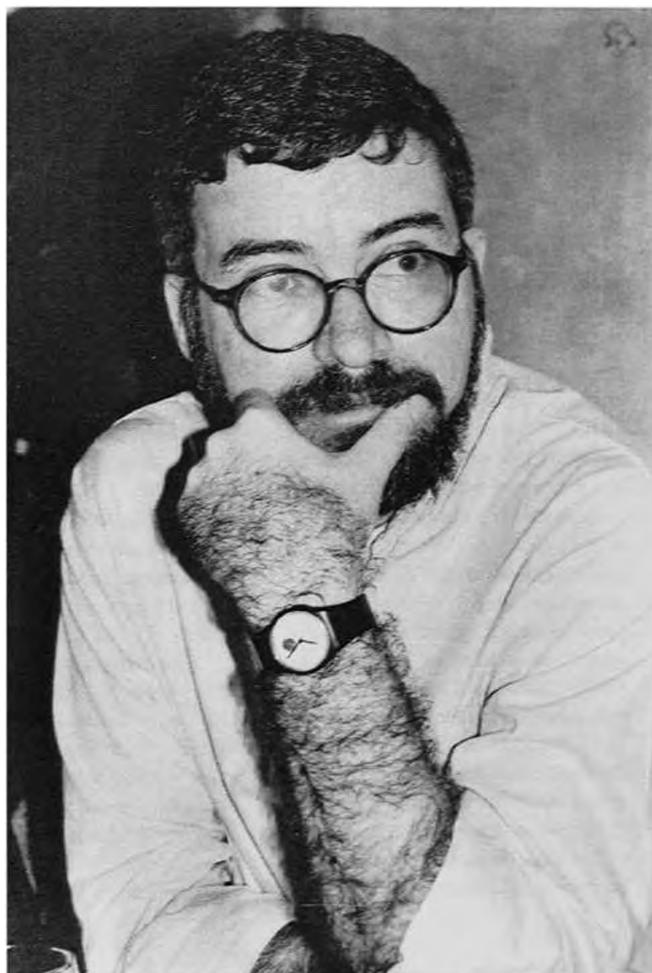
Desconfortável na pele de “menino bonzinho”, com seu corpinho franzino e lentes de miope, ele sempre quis ser bem mais do que suas limitações permitiam. Timido, ele foi por muito tempo “um menino dentro do aquário”. Mas o isolamento que dificultou a convivência com amigos e parentes na infância o levou à descoberta do seu maior tesouro: a Literatura. De pés descalços e livro na mão, ele sonhou e quis virar o mundo de ponta-cabeça.

Trazendo a rebeldia como cartão de visita e uma tremenda vontade de sacanear a humanidade, Lira saiu do aquário. Oh, mundo cão! Ele não poderia passar despercebido. Quebrou regras e encarou a Verdade de pedras na mão. Enlouqueceu meio-mundo. Foi aluno problema, anarquista de boina e barbicha, intelectual boêmio e, é claro, poeta marginal. Diga-se de passagem, sempre mal acompanhado. Sob as bênçãos dos malditos da palavra, ele quis “despirocar” a poesia. Sem fôlego para tanto, virou de lado e dormiu.

Na Literatura e no Jornalismo o humor refinado e o sarcasmo são os registros mais intensos de Lira Neto. Arrebatou porções de admiradores e uma legião de desafetos. A vocação para incomodar uniu um imenso desejo de ser visto e ouvido. Vaidade que lhe exagera gestos, dá brilho aos olhos e lhe alimenta a voz quando o assunto para ele é sua própria vida.

E nessa, nem tudo é nitroglicerina. O anjo rebelde tem mais faces do que podemos supor. Comportamento contraditório, em alguns momentos por ele celebrado, noutras vezes, ironicamente reconhecido. O poeta marginal de prêmios oficiais, o editor talentoso, porém certinho, o mártir de todas as causas, o ombudsman questionador. Lira Neto é motivo que leva a parar e pensar.

Mas de uma coisa não duvide. Sua pena ácida, forjada no caldo múltiplo de uma personalidade inquieta e dúbia, trouxe bem mais tempero às redações. Até mesmo quando suas críticas beiram a ofensa pessoal e o exibicionismo.



Na Literatura ou no Jornalismo, Lira Neto alia criticidade e sarcasmo, utilizando com talento o instrumento que melhor conhece: a palavra.

Lira fez Jornalismo em prosa e verso, provando que frescura nos cadernos de cultura é coisa de quem não tem imaginação. Bons exemplos também já deu quando sentiu pulsar a cidade e a retratou de forma límpida em todas as suas contradições.

No atual trabalho de ombudsman, carrega consigo a obrigação diária da leitura crítica das edições de O POVO, onde começou e de onde nunca saiu. Mas, mesmo distante da efervescência da redação, Lira está longe de passar batido. Não tem jeito. Até mesmo os críticos mais ferrenhos ao seu trabalho não resistem a uma espiadela na coluna virtual enviada diariamente ao jornal. Entre acertos, exageros e chilikés, nos seus comentários, Lira vai fazendo com vontade a coisa que mais gosta: incomodar.

Seria um eterno inconformado ou um competente carreirista? A questão é levantada pelos próprios colegas. Eles guardam poucas lembranças de um editor-contestador chamado Lira Neto. De toda forma, rixas ou debates isolados não darão conta do complexo personagem desta entrevista, até porque muito pouco chegará aos ouvidos dos leitores. O diálogo, no entanto, está aberto.

Entrevista com

Lira Neto,
dia 20/05/98

**Produção, redação,
edição e texto final:**

Ana Rita Fonteles,
Laécio Ricardo, Maria
Teresa Monteiro e Mário
Quinderé

Texto de abertura:

Ana Rita Fonteles

Participação:

Ana Rita Fonteles,
Cinthia Medeiros,
Cristiane Bonfim, Débora
Lima, Enrico Rocha,
Ester Lindoso, Isabel
Brito, Janaina Tailade,
Laécio Ricardo, Leticia
Amaral, Maria Teresa
Monteiro, Mário Quinderé,
Raimundo Madeira,
Roberta Fontelles,
Rodrigo Santiago e Thais
Aragão

Foto: Enrico Rocha

Entrevista - Lira Neto, você passou a infância em Caucaia (município da Região Metropolitana de Fortaleza) e vem de uma família de classe média baixa. Essas são condições não favoráveis para uma pessoa, ainda na infância, desenvolver um gosto por Literatura. Eu queria que você contasse como você descobriu esse mundo da Literatura, e em que ele lhe ajudou quando criança?

Lira Neto - Legal. Você colocou duas coisas aí que, pra mim, são fundamentais na história da minha infância. É aquela coisa que o Machado de Assis (escritor brasileiro do século passado, fundador da Academia Brasileira de Letras e autor de obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Alienista*) dizia, que o menino é o pai do homem, ou seja, se você quiser saber como é uma pessoa, como é que ela pensa, como é que ela age, como é que ela responde à vida, você primeiro tem que saber que menino essa pessoa foi. E os dois grandes elementos da minha infância, eu acho que estão contidos na pergunta.

A produção caprichou porque são justamente Caucaia e a história dos livros. Caucaia, porque tive a oportunidade de ter um quintal, coisa que hoje, por exemplo, meus filhos não têm. E aquele quintal foi fundamental pra mim pra descobrir o mundo. Ao mesmo tempo que eu descobria o mundo através do pé de cirigüela, através do pé de pitomba, subindo no pé de goiabeira, tinha também um outro tipo de descoberta que eu atribuo - que eu até hoje agradeço - a um sarampo que eu tive e nesse sarampo tive de passar alguns dias longe da escola, deitado na rede, doente. Naquela época, criança quando ficava doente era alimentada à base de guaraná Antártica e biscoito Champanhe. Era bom ficar doente justamente por conta disso. Mas foi nesse sarampo que me caiu nas mãos pela primeira vez um livro de Monteiro Lobato (escritor brasileiro, falecido em 1948. Tornou-se mais conhecido por suas obras dedicadas ao público infantil como *As Aventuras de Narizinho* e *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*). O livro se chamava "A Chave do Tamanho". E esse livro virou de cabeça pra baixo a minha cabeça. Eu me lembro que até hoje eu guardo uma frase que tinha nesse livro. Uma frase da Emília (*boneca de pano falante e inteligente, um dos personagens mais famosos de Lobato*), claro, tinha que ser da Emília.

Eladizia o seguinte: quando você muda de tamanho, todas as coisas, todas as suas referências também mudam. Por exemplo, ela diz que quando a gente é grande, o grande perigo é o leão, porque (na história) eles mudam de tamanho e ficam todos pequeninos. "Agora que nós somos pequeninos, o grande perigo é o pinto. Aquele pinto sem importância e tudo o mais".

O livro do Lobato serviu justamente pra fazer um exercício, naquela idade, que pra mim até hoje é a grande lição que eu tenho. Ou seja, quando você tem certezas muito construídas e que você começa a desconstruí-las. A desconstrução de certezas para mim faz parte do processo de educação e faz parte da gente se tornar gente. Caucaia foi isso, e a tua pergunta era sobre como é que os livros chegaram a mim. Foi justamente a partir desse primeiro livro, a partir de "A Chave do Tamanho", a partir da obra de Monteiro Lobato, outros livros vieram. Eu tive a grande vantagem de, mesmo tendo

"A desconstrução de certezas para mim faz parte do processo de educação e faz parte da gente se tornar gente."

nascido numa família de classe média baixa, os livros sempre estiveram à minha disposição. Meus pais sempre se esforçaram muito pra comprar todos os livros que eu desejei. Essas duas coisas, a infância no quintal e a descoberta da literatura, para mim foram fundamentais para o processo de descoberta do menino que eu era.

Entrevista - Durante a pré-entrevista, você sempre falou com nostalgia e respeito pelo seu pai. Que tipo de identificação, de representação ele tem na sua vida? O relacionamento com ele foi semelhante ao relacionamento com a sua mãe?

Lira Neto - Meu pai era uma figura. Meu pai, Bob Lira (risos), Benedito Lira, que ele próprio mudou de nome, era fã de um astro da época chamado Bob Nelson (*cantor country, o primeiro cowboy brasileiro*). Vocês já devem ter ouvido falar dele, breguíssimo (risos)! Meu pai era uma pessoa semi-analfabeta, tinha feito apenas o primário. E a imagem que eu tive dele, que eu tenho até hoje, era

sempre a de um homem muito sábio. E ele de fato era, apesar do primário dele.

Eu brincava e ainda brinco e chamo o meu pai de o "homem-almanaque". Ele compensou a falta da educação formal com dois tipos de leitura que eu acho fundamentais. Primeiro, a leitura do mundo. Era um cara que sabia ler o mundo. Ele olhava para as coisas e sabia filosofar sobre elas com uma capacidade incrível, um poder de percepção imenso sobre a vida das pessoas, sobre o mundo, sobre tudo. E, paralelo a isso, ele lia tudo que caía nas mãos dele. Claro, como todo autodidata, sem nenhuma orientação, ele se movia mais ou menos pelo instinto. E isso fez com que ele acumulasse muitas informações também literárias. Claro que com as limitações todas que o autodidatismo impõe. Mas o meu pai, claro, era, é, talvez pra mim a grande referência ainda de pessoa. Um homem que me ensinou, me ensinou algumas coisas que ... (Lira Neto sente dificuldade para continuar falando, faz uma breve pausa e leva a mão ao peito)

Minha mãe, melhor falar dela. A minha mãe, tomara que meus irmãos não leiam essa entrevista. Eu sempre senti que eu era o filho preferido. E isso com todas as compensações e com todas as dificuldades que isso representa, ou seja, você sempre é olhado pelos irmãos assim: "Th, é o queridinho da mamãe" e essa coisa toda. E ela foi justamente a pessoa que mais me incentivou nessa coisa da leitura, nessa história. Ela tinha um talento enorme pra escrever, ela era professora primária. Cá pra nós, ela fazia as minhas primeiras redações no colégio. E me lembro que tinha até uma redação do dia das mães e eu levei pra casa pra escrever, quem escreveu foi minha mãe. Eu olhei para a redação e disse: "Minha mamãe é maravilhosa", ela que tinha escrito a redação e depois aprendi a escrever justamente com ela.

Eu acho que esse convívio com a palavra, essa paixão pela palavra veio da paixão que minha mãe teve e não conseguiu desenvolver. E essas duas pessoas permearam a minha infância, permearam a minha adolescência, apesar de separadas - se divorciaram quando eu tinha 14 anos -, mas foram pessoas importantíssimas. São pessoas importantíssimas. Meu pai era uma pessoa ausente pelo fato de ser caixeiro viajante. Eu via muito pouco o meu pai. Mas nos momentos que eu o via, era um encontro e era sempre uma descoberta. Era sempre uma aventura e era sempre uma emoção imensa. E



A entrevista com Lira Neto ocorreu no terraço do Alambique, bar localizado na Praia de Iracema, famoso pelo acervo numeroso de sua adega, especialmente de aguardentes raras.

Lira Neto chegou dez minutos antes das 17 horas, horário marcado para o início da entrevista. Ele vestia, como de costume roupa azul, calça jeans e camisa de tonalidade clara.



Lira portou-se de forma categórica durante toda a entrevista, procurando responder com entusiasmo e dedicação tudo que lhe fora questionado por seus interlocutores - 16 ao todo.

é sempre uma emoção, inclusive, falar sobre ele, como eu estou falando para vocês agora.

Entrevista - Na pré-entrevista você falou que era um menino fraquinho, retraído, que preferia os livros à convivência com as pessoas. Por ter essa preferência, você era visto de uma forma discriminadora?

Lira Neto - Eu apanhava na escola feito um saco de pancadas! Eu era aquele garoto magrelo, de óculos, miope. Era aquele que apanhava mesmo, que era motivo de troça pra turma inteira. E minha única forma de defesa, por trás das minhas grossas lentes de miope, era justamente me dedicar a uma coisa que eu achava que era um território só meu. E foi aí, justamente, mais um elemento para eu ter ido em busca dos livros, em busca de um mundo em que eu achava que aquela turma, que vivia me batendo, aquela que sempre me mandava pro gol mesmo quando eu era o dono da bola... Era uma forma de compensar um pouco a solidão, de compensar um pouco essa coisa de ser excluído das brincadeiras mais interessantes, mais gostosas.

E tinha um negócio interessantíssimo também, é bom que se diga. Eu sempre me apaixonava pelas meninas da oitava série, eu fazia a quinta. Eu sempre me apaixonei pelas mulheres que eram impossíveis. Isso também era mais um motivo de chacota, mais um motivo de troça, mais um motivo pra que eu ficasse ainda mais isolado de todo mundo. De fato, o Mário Quintana (poeta gaúcho, autor de obras como *A Rua dos Cataventos*, *Canções e Espelho Mágico*) tem uma frase que eu acho belíssima e que define muito bem o menino que eu fui. Mário Quintana diz: "Eu fui um menino dentro do aquário". Foi mais ou menos assim a minha infância.

Entrevista - Você fez o primeiro grau em Caucaia e foi fazer o segundo grau na Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE) no curso de Estradas. Por quê?

Lira Neto - Pois é. Curso de Estradas, me arrependo até hoje profundamente. Isso (foi) culpa de uma psicóloga... Hoje eu tô casado com uma, né? Mas por culpa de uma psicóloga que me fez um teste vocacional e no teste, tão simplista quanto qualquer teste para medir esse tipo de coisa, determinou que eu me daria muito bem numa vida ao ar livre, em contato com a natureza. E ela olhou lá na grade de cursos da Escola Técnica e disse: "Rapaz, tá difícil pra esse cara aqui, onde é que eu vou

encontrar?". Mecânica, Edificações, não sei o quê... Disse: "Vai fazer Estradas que pelo menos você tá no mundo". E aí fiz esse curso e foram quatro anos, apesar de ter representado uma coisa muito interessante, pois foi justamente quando aquele menino que estava dentro do casulo se soltou e começou a olhar pro mundo de outra forma e passou a ser até mesmo um pouco o mais popular na turma.

Teve uma ruptura tremenda. A Escola Técnica significou esse momento, mas Estradas realmente era um curso técnico que não me dizia nada. Aqueles cálculos enormes que eu tinha que me submeter a fazer, aquelas provas que eu não sabia pra onde ia. Tanto é que eu terminei o curso e trabalhei dois longos dias na profissão de técnico em Estradas, de topógrafo. Trabalhei dois longos dias em Tianguá (município cearense localizado na Serra da Ibiapaba, a 313 Km de Fortaleza). Quando eu vi o que era ser topógrafo, o que era ser

"Eu sempre senti que eu era o filho preferido.(...) com todas as compensações e com todas as dificuldades que isso representa"

técnico em Estradas, eu disse: "Volto para casa agora". Arrumei a mochila (risos), voltei. E logo depois entrei na Faculdade de Filosofia (antiga Faculdade de Filosofia de Fortaleza-Fafifor - que não existe mais). Pra você ter a idéia de como eu estava completamente desorientado do que eu queria da vida naquela época.

Entrevista - Ao que parece, a educação dos bancos escolares nunca foi a mais estimulante e a mais confortável. Mesmo assim, você foi um bom aluno no primeiro e segundo graus?

Lira Neto - A história de ter sido um menino que tinha de viver dentro do aquário fez com que eu tentasse me diferenciar dos outros. E uma dessas formas era ser o melhor aluno da turma. Isso era muito doloroso, porque eu me cobrava muito. "Você tem que tirar as melhores notas", aquela coisa toda terrível. E todas as professoras diziam: "Ah, como ele é bem comportado". Isso me deixava terrivelmente indignado, porque eu não

queria ser bem comportado. E eu era bem comportado por excesso de timidez. Mas eu queria ser era o mais sacana da turma, eu queria ser aquele que namorava a menina da oitava série, eu queria ser o mais popular, mas as minhas limitações não alcançavam isso. Na Escola (ETFCE) foi que justamente aconteceu o contrário. Eu passei a ser o mais popular e talvez o mais relapso da turma. Isso para mim foi um processo de conquista imenso. Então, virou justamente o jogo: aquele menino tímido e que tirava boas notas se transformou no menino que não tirava notas tão boas, mas conseguia olhar pro mundo e dizer: "Porra, que legal! Que bom ter amigos!" Coisa que até então eu não tinha tido.

Entrevista - Por que houve essa transformação?

Lira Neto - Até hoje eu não sei. Essa pergunta é a que até hoje eu não consegui responder. Eu acho que vai ter de levar alguns anos de análise pra saber o que foi que aconteceu, qual foi o momento. Eu acho que tinha uma coisa represada, uma coisa forte que precisava vir à tona, que precisava eclodir, que precisava de uma erupção. O momento exato eu não sei. Talvez tenha sido, inclusive, o fato de eu ter vindo morar em Fortaleza, me deparando com o fato de ter perdido o meu quintal. Vim morar em Fortaleza e vim morar numa grande avenida.

Entrevista - E o que trouxe a sua família a Fortaleza?

Lira Neto - Eita! (quase gritando) Essa pergunta é terrível. Hoje Caucaia é bem pertinho, aqui. Caucaia na época era uma cidade muito distante de Fortaleza e uma cidade com todos os seus provincianismos, com todos os seus preconceitos. Todo mundo sabia da vida de todo mundo, e um acidente de percurso na família, que era bastante normal e que até hoje é bastante normal, mas naquela época um acidente desses provocava a mudança de uma família inteira de cidade, que foi o caso da minha família. Uma das minhas irmãs ficou grávida e era mãe solteira. Naquela época isso era inadmissível. A família teve de se mudar da cidade (risos). Então foi isso que trouxe a gente de Caucaia para Fortaleza. Hoje até brinco com meu sobrinho, fruto dessa mudança, causa dessa mudança. Digo: "Porra, obrigado, cara". Ele não entende muito bem, mas um dia ele vai entender.

Entrevista - Você fala muito da sua infância e da sua adolescência como uma pessoa isolada. Mas não parece meio contraditório você

O início da entrevista foi tranqüilo, cercado de recordações e narrativas nostálgicas, nas quais Lira nos revelou parte de sua infância e sua aproximação com a Literatura.

morar numa família tão grande, com tantos irmãos, e ficar isolado? Você não tinha um bom relacionamento com eles?

Lira Neto - Não, um bom relacionamento tinha, mas eu era isolado inclusive dentro de casa. Inclusive com meus irmãos, com meus primos, com meus tios. Na família que eu nasci, um dos costumes obrigatórios, um dos rituais, é quando você encontra um tio, você pedir a bênção. Uma coisa bem do Nordeste, uma coisa bem do Interior. Eu me recusava a pedir a bênção. Não porque eu achasse pedir bênção uma coisa ruim, mas porque eu tinha vergonha de chegar pro tio e dizer: "A bênção, tio". Eu não conseguia falar. Eu não conseguia articular, eu não conseguia dizer pra ele, me referir a alguma pessoa, eu não conseguia olhar pros olhos das pessoas. Eu era muito tímido. Ainda sou um pouco. De vez em quando vocês vão perceber em mim o menino que eu sou, porque esse menino ainda está muito aqui dentro de mim. O contato com a família era sempre o "Lira, o esquisitão". Era sempre o que ficava no canto, o que no meio da festa ficava lá isolado no canto dele. É o que no aniversário dele, a família toda comemorando, ele se trancava no banheiro dizendo: "Pô, por que as pessoas não vão embora e me deixam em paz?".

Entrevista - Lira, foi na Escola Técnica o seu primeiro contato com o movimento estudantil? No movimento estudantil, você tem de dar as caras e liberar mesmo e a gente viu que você era meio anarquista. Explique um pouquinho isso.

Lira Neto - A história do movimento estudantil é um caso à parte, um capítulo à parte na minha vida. Não foi na Escola não. Na Escola, a minha inquietação ainda era muito difusa, não canalizava muito bem pra isso, não sabia o que fazer com ela, com aquela rebeldia que tinha de repente surgido em mim.

Foi na Faculdade de Filosofia (Faculdade de Filosofia de Fortaleza - Fafifor) que isso começou a criar um contorno mais concreto ou mais definido. E você fala da história do anarquismo. Na época, na Faculdade de Filosofia, nós montamos uma chapa pra concorrer ao D.A., não era C.A. lá, era D.A., Diretório Acadêmico, uma chapa anarquista. Nós ganhamos a eleição e no outro dia renunciamos, como bons anarquistas (risos). E isso era bastante interessante porque foi numa época muito rica, pós-ditadura (refere-se à ditadura militar que

teve início em 1964 e durou até 1985), as pessoas começando a respirar um certo ar de liberdade, um certo ar de leveza. Mas o movimento estudantil ainda persistia amarrado a uns dogmas muito tacanhos, de uma coisa *esquerdofrênica* muito terrível e muito castradora. E principalmente na Faculdade de Filosofia, uma faculdade cerebral e tal.

E nós éramos mal vistos pela diretoria da Faculdade que era reacionária pra caramba - meu caro diretor, professor e padre Mariano (*Mariano Matos Rocha, atualmente vigário da paróquia de São Vicente de Paulo, em Fortaleza*). Mas também o movimento estudantil marxista-leninista era um negócio que não nos cabia, não nos comportava. E nós incomodávamos esses dois lados, esses dois opostos. E daí a coisa do anarquismo veio mais por intuição e depois é que a gente foi estudar os teóricos anarquistas, foi enveredar por uma literatura sobre isso. E é uma época muito bacana da

"Eu sempre me apaixonei pelas mulheres que eram impossíveis. Isso também era mais um motivo de chacota, mais um motivo de troça..."

minha vida, que eu acho assim fabulosa e que me ensinou muito, até mesmo a descartar dogmas. Aquela coisa que eu falei pra vocês logo no começo, de desconstruir verdades. Eu sempre tive isso como profissão de fé mesmo. Eu acredito na desconstrução da verdade. É esse o meu lema de vida: nunca ter verdades absolutas. E o anarquismo me dava isso. Muita coisa disso sobrou pra mim. Talvez hoje eu não seja um anarquista político, mas na cultura sempre fui. Todas as minhas leituras, todos os autores, todos os romancistas, todos os poetas que eu li e que eu continuo lendo, sempre são essas almas atormentadas que buscam justamente a contramão, que buscam justamente se diferenciar um pouco e propor realidades absolutamente diferentes do que a gente tem.

Entrevista - Lira, numa resposta anterior você falou de uma mudança brusca. De Estradas na Escola Técnica para Filosofia na Fafifor. Mas especificamente por que Filosofia? Foi influência da Literatura?

Lira Neto - Talvez justamente pela frustração imensa do curso técnico. Quando eu vi que cálculo não era a minha e que eu não ia passar o resto da minha vida projetando curvas numa BR qualquer, eu disse: "Vou ter de fazer uma coisa absolutamente diferente". Entre um momento e outro teve um intervalo em que eu fiquei de papo pro ar, morgando, de perna pra cima, sem saber o que fazer do mundo. Dizendo: "Ai meu Deus, o que é que vai ser de mim?". Mas a Filosofia foi justamente a consequência direta de dizer: "Vou ter que fazer o oposto". E fui pra área de Humanidades. Dentro da área de Humanidades, o que eu achava que era mais radical, o mais inútil (risos) era Filosofia, vamos dizer assim. E eu queria justamente o inútil (risos), porque a família tinha uma expectativa toda muito grande em cima de mim, afinal de contas era aquele menino que eles tinham investido em educação. E isso também me incomodava. Então eu tinha que, até

por uma atitude de me impor, fazer a coisa mais inútil que existe na face da Terra. O que era? Filosofar. Isso na minha cabeça da época. Hoje eu sei que a Filosofia é fundamental. Pensar é fundamental. Mas na época eu tive que buscar justamente o oposto disso. E a Filosofia surgiu mais dessa necessidade de negar alguma coisa, do que a busca. Talvez a busca da negação. Talvez a busca do contraditório, a busca de ser diferente.

Entrevista - E naquela época o curso de Filosofia cumpriu o papel que você esperava, que você buscava?

Lira Neto - Eu tenho dois cursos que não cumpriram o que eu esperava, mas que tiveram o seu papel histórico dentro da minha vida, que foram os cursos de Filosofia e Letras. Eu fiz alguns semestres de cada um. Praticamente fiz mais da metade do curso de cada um deles. E da Filosofia, eu sai por uma contingência econômica. Eu era professor secundarista, dava aulas de História e perdi o emprego no colégio e não consegui mais pagar a Faculdade. Como não podia mais pagar e como eu estava de saco cheio com ela, resolvi juntar o útil ao agradável e larguei a Faculdade de Filosofia. E foi justamente na época que a Fafifor foi absorvida pela Uece (Universidade Estadual do Ceará) e nisso a Fafifor perdeu muito. Então já era mais um motivo pra abandoná-la. E o curso de Letras também não correspondeu à minha inquietação, porque eu fui lá atrás da Literatura e



Durante a entrevista ocorreram duas pausas: a primeira provocada pelo barulho excessivo de um bar vizinho, o que levou uma das estudantes a pedir que baixassem o som. A segunda para que o entrevistado pudesse ir ao banheiro.

Em alguns momentos, o entrevistado pareceu tomar-se um pouco tenso e ansioso, sobretudo quando as perguntas eram direcionadas à sua carreira como jornalista.



As recordações e opiniões de Lira foram regadas por cerca de quatro cervejas consumidas por ele durante a entrevista.

me deram um curso de Gramática. O curso de Letras da Uece é um curso de Língua Portuguesa. Fui atrás da Literatura, como não a encontrei lá, também larguei o curso.

Entrevista - Entre a infância, a adolescência e a entrada nos cursos de Estradas, Filosofia e Letras ocorreu uma mudança de comportamento que você comentou. O seu gosto para a Literatura também mudou nesse período?

Lira Neto - Eu não diria mudou, foi apurando. Eu sempre tive essa paixão pelos autores radicais, pelas personalidades radicais, tanto é que, já na minha infância, a minha principal personagem era a Emília. Maior anarquista do que ela não existe. Era justamente aquela que botava o Sítio do Pica-Pau Amarelo de perna pra cima. E foi na Faculdade que, a partir da convivência com os colegas, os amigos, as novas amizades, eu fui descobrindo aqueles autores que até hoje estão na minha cabeceira. Todos esses autores que eu diria que são pensamentos nômades, são pessoas errantes, autores errantes, personalidades errantes, que comumente ou vulgarmente são chamados de malditos. Os autores malditos, os autores marginais. E isso aí a gente pode incluir uma pá de gente, se vocês quiserem nomes. Desde o mais maldito e mais eschachado de todos que é o Charles Bukowski (*escritor alemão radicado nos Estados Unidos, falecido em 1994, autor de mais de 45 obras, entre elas, Mulherese Pulp*), até talvez a maldição mais refinada e injustamente acusada de simplesmente pornográfica, mas um autor de uma extrema delicadeza e o leitor, às vezes, os leitores, a crítica inclusive não percebem isso - que é o Henry Miller (*escritor americano falecido em 1980, autor de obras como Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio*). Então eu costume brincar, digo que o Henry Miller é o Bukowski depois de ter lido Filosofia. Depois que você pega aquele Bukowski, aquela coisa em estado bruto, que talvez um dia eu tenha sido, e você dá um pouco de orientação e dá um pouco de leitura a ele, ele se transforma, se refina, se lapida. E entre esses dois extremos há uma série de autores que eu não iria parar nunca de dizer. Mas Artaud (*Antonin Artaud, dramaturgo, escritor, ator e diretor do teatro francês*) o próprio John Fante (*escritor americano, falecido em 1983, autor de obras como Pergunte ao Pó e Dago Red. Publicou seu primeiro romance, Espere a*

Primavera Bandini, em 1938. Também trabalhou escrevendo roteiros para cinema) são autores que sempre... Baudelaire (*Charles Baudelaire, poeta francês do século XIX, autor de Flores do Mal*) passando lá pra literatura francesa, os simbolistas, Mallarmé (*Stéphane Mallarmé, poeta francês do século XIX, considerado o mestre do Simbolismo*) do Rimbaud (*Arthur Rimbaud, poeta simbolista francês do século XIX, autor de Uma Temporada no Inferno*), esse pessoal todo.

Entrevista - Você fala muito de literatura marginal. Você teve envolvimento com a poesia marginal dos anos setenta, de Leminski e da Ana Cristina César? (Paulo Leminski, poeta experimental e letrista da Música Popular Brasileira nascido em Curitiba, morto em 1989, vítima de cirrose, autor de "Caprichose e Relaxos". Ana Cristina César, poetisa brasileira, suicidou-se em 1983. A maior parte de sua obra,

“...eu era bem comportado por excesso de timidez. (...) queria ser o mais sacana da turma, eu queria ser aquele que namorava a menina da oitava série”

ainda desconhecida do grande público, está sendo relançada pela editora Ática. "A Teus Pés" e "Inéditos e Dispersos" são parte dos relançamentos).

Lira Neto - Nos anos setenta não, porque eu não tinha idade pra isso, mas eu peguei o final disso, a rebordosa disso. E Leminski, pra mim, é nome chave. Ele conseguiu fazer algo que aquela geração toda tentou e não conseguiu direito. O Leminski juntou essa coisa meio anárquica, meio desbundada da Literatura dos anos setenta com um conteúdo mais sofisticado, com uma forma mais apurada, herdada dos concretistas dos anos cinquenta e tudo mais. Então eu peguei o rabo histórico disso aí.

Até estou vendo que vocês conseguiram levantar um material que eu até então julgava devidamente extinto e sepultado (risos), que são os folhetos que eu publiquei naquela época. Coisa que hoje eu me envergonho profundamente de ter escrito (risos), mas que vocês descobriram não sei onde. Inclusive aconteceu um negócio

interessante. Quando eu entrei na Comunicação, em 1990, eu, passando pelo quiosque do Gabriel (*proprietário de uma pequena rede de livrarias espalhadas pelos campi das universidades de Fortaleza*), encontrei alguns volumezinhos desses folhetos que a gente deixava lá em consignaço para o Gabriel vender. Comprei dez exemplares. Eu achei aquilo um absurdo. Eu disse: "Meu Deus do céu, isso ainda existe?". Fui lá pro Gabriel e disse: "Gabriel, quer quanto?". Ele disse: "Você não já tem?". "Eu quero os dez". Ele disse: "Os dez?". Eu disse: "É". Ele disse: "Vai, leva, eu nunca vendi mesmo". Eu peguei os dez, botei debaixo do braço, rasguei (risos). E não quis mais que ninguém lesse isso. Agora eu sei que hoje - isso foi em 1990 - isso teve uma importância fundamental na minha vida. Inclusive foram poemas bem despreziosos, feitos nessa coisa meio artesanal, xerox, usando os recursos tecnológicos da época. Hoje é fácil você fazer um negócio desse (aponta para seus livretos), você pega um computador, você faz bonitinho. Naquela época a gente usava maquininha de escrever Olivetti portátil, xerocava, cortava, pregava, fazia a coisa mesmo do fanzine. O fanzine hoje é o herdeiro um pouco disso aí. Mas foi uma coisa, que hoje, por mais que eu brinque, diga que renego, mas eu estou aí também. Se você quiser me conhecer também vai ter que passar por aí.

Entrevista - Pois vamos começar a conhecer. Esses caderninhos que você publicava (risos da turma e de Lira Neto), você citou uma série de autores que lhe influenciaram pelo menos em termos de gosto literário. Quando você ia escrever, procurava transcreever para o papel alguma influência deles? Que tipos de idéia você passava para um papelzinho desses daqui?

Lira Neto - Não tem essa coisa de tentar transcreever o que eles te passam. Você passa a conviver com determinado universo. Esse universo entra na sua cabeça. Você acaba escrevendo mais ou menos o que esse universo te comunica. Claro que há uma dicção muito próxima dessa literatura que eu leio. Você pega, por exemplo, nesse que você tem aí que é o *Roteiro dos Circulos*, que talvez eu ache-o esteticamente - não digo na forma do folheto, mas dos poemas - o mais bem acabado. Talvez seja o único que eu não renegue. Você percebe que essa busca da essência da alma

Esta foi a mais longa de todas as entrevistas, tendo durado cerca de duas horas e quarenta minutos.

humana, que é algo que sempre me inquietou, está aí. Essa busca do que existe além da superfície do homem, esse absurdo da existência. É por isso que, por exemplo, entre os autores que eu citei há pouco, por favor, acrescente o Samuel Beckett (*escritor e dramaturgo irlandês, falecido em 1989. Costumava dar um tratamento tragicômico à condição e existência humana. Tem sua obra geralmente relacionada ao Teatro do Absurdo. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1969*).

Vamos fazer um parêntese porque o Samuel Beckett... (estalos dos gravadores) Vamos fazer um parêntese mesmo porque acabou a fita (risos). Quando eu li o Beckett vocês não imaginam a crise que esse cara me provocou. Eu li a trilogia: *Molloy, Malone Morre e o Inominável*. São três livros que tratam justamente desse tema, do absurdo da existência humana. Isso eu tinha o quê? Vinte e sete anos de idade. Foi justamente quando eu larguei tudo. Larguei tudo na vida, inclusive um casamento, uma faculdade, os filhos. Larguei tudo e disse: "A vida não tem sentido, a existência não tem sentido". Dei um tempo em mim, passei uma borracha em um monte de coisas, surgiu disso renovado. A minha crise dos 30 aconteceu com 27. E foi o que me levou, inclusive, a descobrir o que eu queria fazer da vida. Foi quando eu descobri o jornalismo, quando eu descobri uma redação de jornal, que eu finalmente podia viver, sobreviver ou sobreviver da palavra. Era uma certeza que eu não sabia como iri se concretizar. Mas eu sabia que eu ia viver, eu ia levar a vida escrevendo de alguma maneira, usando a palavra de alguma maneira. A palavra ia ser meu instrumento não só de ação, mas também de sobrevivência.

Entrevista - *Você entrou no Curso de Letras buscando a Literatura e se decepcionou porque encontrou Gramática. No entanto, a época em que você fez o curso de Filosofia e Letras foi muito rica, principalmente em busca literária. Como você se aprofundou e descobriu esses novos autores?*

Lira Neto - Não foi no curso, em nenhum dos dois. Foi uma coisa que era mais nas pessoas que freqüentavam o mesmo curso, nos colegas que faziam o mesmo curso do que propriamente na sala de aula. Afinal de contas, eu inclusive acho que a gente não aprende muito em sala de aula não. Até hoje eu acho, olhando para os meus filhos, que a escola ainda persiste num modelo de educação, e isso vai da alfabetização à

universidade. E que isola um pouco o contato da pessoa, da criança, do adolescente, do jovem com o mundo. E compartimenta um pouco o conhecimento. Ou seja, você tem aula de História, Geografia, Matemática, Português. Como se todas essas coisas não existissem simultaneamente, de forma não estanque. Inclusive, quando eu dava aula de Literatura. Na época que eu fiz Letras, eu fui dar aula de Literatura para sobreviver...

Entrevista - *Onde você dava essas aulas?*

Lira Neto - Dava em vários colégios, em vários cursinhos em Fortaleza. Era assim aquela coisa de sair correndo de um cursinho para outro. E eu me lembro que teve um caso interessantíssimo. Eu fui dar aula sobre o Naturalismo (*tendência literária surgida na segunda metade do século XIX que enfatiza o aspecto materialista da existência, vendo o homem como produto biológico com comportamento determinado pela*

“O contato com a família era sempre o ‘Lira, o esquisitão’. Era sempre o que ficava no canto, o que no meio da festa ficava lá isolado no canto dele”

pressão do ambiente social e da hereditariedade psicofisiológica), numa determinada turma, eu acho que de 3º ano. E, começando a falar de Darwin (*Charles Darwin, biólogo naturalista inglês do século passado, criador da Teoria das Espécies*)... Porque os naturalistas eram pessoas que tinham toda uma influência do cientificismo do século XIX, a Teoria da Evolução das Espécies (*segundo essa teoria, os organismos que apresentam variações hereditárias mais favoráveis, num determinado ambiente, estão mais capacitados a sobreviver e se reproduzir. Assim, cada geração sucessiva acaba tornando-se melhor adaptada ao ambiente*). E os alunos com os olhos arregalados assim pra mim. Eu disse: "Vocês não sabem o que é isso?". Ai eles: "Não".

Foi quando eu percebi que a escola é absolutamente tacanha. Porque na hora que eu estou dando Naturalismo, era pro cara lá na Ciências ou vice-versa estar dando a Teoria das Espé-

cies. Era pra todas as disciplinas, o cara de Língua Portuguesa estar trabalhando com os textos dos naturalistas. Era pra toda a escola trabalhar no mesmo sentido, trabalhar em bloco. Mas a escola compartimenta, quer cada coisa no seu lugar. Ela cria escaninhos artificiais e o mundo não é assim, o conhecimento não é assim. É por isso que a gente se acostuma, às vezes, a pensar por blocos, por bloquinhos. E a vida é justamente o jogo de armaresse bloquinhos, que a escola não nos dá.

Por exemplo, eu me lembro no próprio curso de Comunicação aconteceu um negócio interessantíssimo. Quando eu descobri que meu tema, no Curso de Comunicação, da minha monografia era erotismo, eu submeti a várias cadeiras a mesma reflexão. Resolvi fazer um trabalho só para todas as disciplinas, abordando essa questão do erotismo e pegando os elementos que cada cadeira me dava pra fazer um trabalho mais multidisciplinar. Boa parte dos professores recusaram. Disseram: "Ah, você quer boa vida, quer fazer um trabalho só pra todo mundo". Naquela hora eu cheguei e disse: "Mas como o professor de Psicologia pode recusar o mesmo trabalho que o professor de Teoria da Comunicação achou interessante porque eu busquei elementos de Psicologia?". Ai foi quando eu reforcei mais uma vez a idéia de que a educação formal quer isso, quer que você pense em blocos, em etapas, em postas, transforme a realidade em postas que não te deixem ver o inteiro.

Entrevista - *Você foi revisor do Diário do Nordeste (jornal cearense, fundado em 1981 pelo industrial Edson Queiroz). Foi o descontentamento em continuar com essa função que levou você a fazer Comunicação Social?*

Lira Neto - Como disse pra vocês, era professor de Literatura e pulava de colégio em colégio pra conseguir um salário minimamente compatível com as necessidades de sustentar, na época, um filho que eu tinha. E precisei arranjar um outro emprego. Tinha um amigo que trabalhava na revisão do Diário do Nordeste e era professor também. Ele disse: "Olha, tem uma vagalá no Diário. Vai lá e faz a prova". Eu fiz a prova, pensando simplesmente em complementar a renda familiar, vamos dizer assim, e quando cheguei no jornal olhei aquele ambiente, olhei aquela coisa. Entrei na redação pensando que era a revisão. Quando eu entrei na redação tomei um choque. Aquele vulcão que é uma redação. Eu disse: "Gente, o que



Lira revelou-se entusiasmado desde os contatos iniciais, feitos por telefone, não esquecendo de qual-quer solicitação por parte da equipe de produção

Houve uma época em que Lira foi entusiasta do Partido Verde (PV), cogitando, inclusive, a possibilidade de filiar-se à legenda.



Durante os primeiros anos do curso de Filosofia, Lira era o protótipo do militante estudantil: cabelos longos, boina e camisa com a imagem de Che Guevara estampada.

é isso?“. E aquela imagem, eu lembro que, quando eu abri a porta, até hoje eu tenho essa imagem na cabeça, quando eu abri a porta da redação e vi aquela Babel imensa, eu fechei a porta e disse: “Não, pelo menos não é aqui”.

Mas aquela imagem ficou na minha cabeça, tipo um quadro. E aí fui pra revisão. E sempre dava uma fugidinha pra redação na folga ou quando tinha um texto que eu não conseguia corrigir direito ou não entendia a intenção do autor. Corria para a redação. Foi aí que começou a minha primeira tentativa de aproximação da redação. Eu disse: “Eu vou ser jornalista. Cara, que negócio interessante esse! Como é que as pessoas conseguem trabalhar nesse rebuliço todo?” E eu estava, talvez, precisando de um pouco de adrenalina. E resolvi, foi justamente na época da crise que eu tinha largado a Faculdade, o casamento estava no fim e tudo o mais. Eu disse: “Vou fazer o vestibular pra Comunicação Social”. Isso, olha só, eu tinha terminado o segundo grau em 1978. Isso era 1990. E aí meti as caras, foi uma atitude ousada, porque tudo que tinha aprendido no segundo grau já tinha ficado muito pra trás e fiz vestibular. Grata surpresa, passei. E fui pra Comunicação em 1990.

Entre na Faculdade numa idade em que geralmente não se entra. Entrei com 28, 27, 28 quase. E me deparei com uma turma de 16, 17, 18. Tomei um susto tremendo. Eu disse: “Gente, o que é que eu tô fazendo aqui?”. E a minha primeira reação, qual foi? Foi a do preconceito. “Ah, um monte de menino”. Quando eu comecei a perceber quem eram aquelas pessoas que estavam ao meu redor, eu disse: “Cara, aproveita esse momento como nunca”. E rejuvenesci... Se eu entrei com 27 e a média da turma tinha 17, eu rejuvenesci dez anos. Fiquei igual a eles. No bom sentido. Com toda a experiência que eu tinha acumulado, me senti rejuvenescido, me senti mais disposto a desafios. Fizo básico, todas as cadeiras: Introdução à Filosofia, Introdução à Sociologia, Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II, tudo isso que eu poderia ter aproveitado do curso de Filosofia e do curso de Letras fui fazer de novo. E nunca me arrependi disso. E foi aí que começou esse caso de amor indissolúvel e eterno com o Jornalismo.

Entrevista - *Você falou do vestibular para Comunicação. Eu lembrei do episódio que remete à sua vida de boemia na juventude, aquela coisa despojada. A história de você virar a noite da véspera da prova num bar é verdadeira?*

Lira Neto - É verdade. Se essa história não tivesse sido contada aqui a entrevista não valeria a pena. Porque tem uma coisa que a gente pulou realmente, teve uma época da minha vida de jogar tudo pra cima, em que eu era a mais errante das criaturas. Minha vida era chegar no bar, tomar todas as cervejas que me dessem coragem, pra depois entrar na livraria e roubar o livro que eu estava desejando há muito tempo (risos). Então tomava a minha cerveja, ia pra livraria do Gabriel, “Oi, Gabriel”. E geralmente sempre usei camisas pra fora da calça e até hoje uso. Aquele livro que eu paquerei um mês, eu pegava e levava. Essa fase da vida é impressionante. Foi justamente quando eu estava saindo dela, que eu resolvi fazer vestibular. E a prova de redação, eu tinha estado num bar perto do Diário que é onde eu trabalhava como revisor, e tinha um boteco lá. A gente ficou no boteco até de manhã. Sai direto para

“Eu sempre tive essa paixão pelos autores radicais, pelas personalidades radicais, tanto é que já na minha infância, a minha principal personagem era a Emília”

fazer a prova de redação. Os amigos olharam assim e disseram: “Rapaz, eu quero ver como é que vai sair a tal redação”. Ufa! Por favor, isso não parece falta de modéstia ou qualquer coisa parecida, mas é porque é um fato e eu acho interessante contar. Eu tirei a nota máxima na redação (ele se empolga), saindo direto do bar, e isso foi muito legal.

Entrevista - *A sua vida está muito ligada à Literatura. Vamos voltar aos caderninhos que você escreveu e recrimina. Naquela época eles tiveram importância, você gostava de publicar, inclusive de vender à noite. Por que depois houve a decepção com a Literatura, com os caderninhos?*

Lira Neto - Eu saía vendendo de bar em bar mesmo, escrevia, batia à máquina datilográfica, botava debaixo do braço e saía vendendo de bar em bar, trocando por cerveja ou coisa que o valha. A pergunta é por que eu deixei, não é isso?

Entrevista - *Por que a decepção de repente com os livros?*

Lira Neto - Não, não foi decepção não. Foi a devida compreensão das suas limitações. Pra mim não interessa ser mais um autor, tá? Pra mim não interessa fazer Literatura se eu não posso ser Dante (*Dante Alighieri, filósofo, teólogo, político e primeiro poeta da língua italiana, autor de A Divina Comédia. Nasceu em 1265 e faleceu em 1321*) Eu acho que se escreve muita porcaria, especialmente no Ceará. Toda semana se lança livro aqui, é impressionante. Inclusive outro vício terrível e provinciano é lançar livro em clube social. Ao ponto de colonistas sociais da cidade dizerem que as catédrais da cultura no Ceará são o Náutico e o Ideal (*clubes localizados na orla marítima de Fortaleza*) Só se entende isso numa cidade como Fortaleza. Eu queria poder dizer algo novo. E tem uma coisa interessante, porque na época que eu escrevia isso aí, todo mundo era poeta. Hoje em dia todo mundo é videomaker. Todo mundo achava que podia fazer poesia. Hoje todo mundo acha que é artista do audiovisual. E quando a gente começa a compreender que pode ter outro tipo de elaboração com aquela afinidade que você tem com uma determinada ferramenta, no caso a palavra, não necessariamente eu vou precisar ser um poeta para trabalhar a palavra. Eu posso usar a palavra e posso viver dela de uma outra forma que não seja fazendo Literatura. Ou seja, a Literatura não precisa só de grandes autores, a Literatura precisa de grandes leitores. Resolvi fazer uma outra ponta do processo, ou seja, me tornar um leitor.

Entrevista - *Você disse que foi um jovem muito rebelde, participou do movimento estudantil, fez parte de um grupo anarquista e ao receber o prêmio de um concurso de poesia na Uece, disse que era preciso despirocar a poesia...*

Lira Neto - Desbundar a Literatura (risos).

Entrevista - *Mesmo se propondo a ser um poeta marginal e sendo um escritor de espírito anárquico, você chegou a participar e até a vencer alguns concursos literários patrocinados tanto pela universidade como pelo Governo do Estado. Não é uma incoerência para o comportamento de um anarquista?*

Lira Neto - Incoerência deles que me premiaram (risos).

Entrevista - *Eu digo o fato de você se inscrever.*

Em sua curta carreira como poeta marginal, ele publicou cinco livros: *Girassol Marginal, Poesia & Poesia, Gamões e Fliperamas, Roteiro dos Círculos e Canção Subterrânea*.

Lira Neto - O fato de eu me inscrever?

Entrevista - É.

Lira Neto - É claro que pode parecer uma incoerência o fato de você ser um anarquista ou um pretensão anarquista cultural e se inscrever num prêmio oficial. Sabe de uma coisa? Eu não tenho medo da contradição. Eu não tenho medo da incoerência. Eu tenho medo das pessoas que são absolutamente coerentes. Tenho medo das pessoas que são absolutamente monocromáticas. Eu me inscrevi naquele concurso talvez por uma necessidade, sei lá, da época, da idade, necessidade de auto-afirmação, de mostrar pras pessoas: "Olha como eu escrevo bonito, olha como eu sou bonito, por favor, prestem atenção a mim". E o prêmio me veio mais ou menos nesse sentido. Quando eu vi que eram aquelas pessoas que achavam que eu escrevia bonito, que eram aquelas pessoas que me achavam bonito, eu me revolttei. E tanto é que veio a frase célebre na hora da premiação: "Vamos despirocar a poesia, vamos desbundar a Literatura".

Entrevista - O que você queria dizer com despirocar a poesia?

Lira Neto - Eu queria pregar - e prego sempre - o inconformismo.

Entrevista - Você chegou a ter um bar no Bom Jardim (bairro pobre da periferia de Fortaleza). Como foi essa experiência? Você estava precisando de grana, porque chegou até a bater chapa (risos). Conta do raio-x, depois você passa para o bar.

Lira Neto - Porque inclusive o raio-x foi antes. Já fiz de tudo realmente. Tive várias profissões. A primeira delas foi justamente técnico de raio-x. Era uma absoluta falta de grana mesmo. Eu não tenho outra explicação pra isso.

Entrevista - Isso foi na faculdade?

Lira Neto - Não, isso foi antes da faculdade, imediatamente antes. Quando eu entrei na Filosofia era técnico em raio-x. E depois de técnico em raio-x fiz outras coisas tão diferentes quanto. Isso depois de ter sido topógrafo profissional durante dois longos dias, como eu falei. Ai fui técnico de raio-x, montei uma barracão de cachorro-quente...

Entrevista - Onde foi isso?

Lira Neto - Na (avenida) Bezerra de Menezes, em frente à Secretaria de Agricultura. Por muito tempo vendi cachorro-quente. Depois deixa eu ver o que mais. Ah, fui professor, como eu disse pra vocês, mas tem mais coisa aí.

Eu uma coisa que eu achava interessante era que todos os meus ídolos eram assim. Tinham sido boxeadores, garçons, vendedores de qualquer coisa. E eu disse: "Porra, eu tô no caminho deles. Daqui a pouco eu me torno um Henry Miller" (risos). Mas isso, é claro, hoje a gente fala brincando e quer ver até um certo elemento poético. Você vender cerveja no Bom Jardim, vender cachaça no Bom Jardim, onde eu morei durante muito tempo por absoluta falta de outro lugar pra morar. Mas na época foram coisas bastante dolorosas. É você ter de se submeter a uma violência que você sabia que estava se propondo, que estava se permitindo, mas era a única forma de continuar comendo, de continuar mantendo os cursos universitários, comprar os livros. Alguns comprados, outros roubados na época. Mas era uma forma de continuar existindo. Com a mesma dignidade que hoje escrevo uma coluna para o jornal, eu fazia um cachorro

"Eu não tenho medo da incoerência. Eu tenho medo das pessoas absolutamente coerentes, (...) das pessoas que são absolutamente monocromáticas"

quente pra vender pro cara que às duas horas da manhã estava completamente embriagado e pedia: "Pô, bota mais catchup nesse negócio". Sabe, eu acho que o que importa é esse compromisso contigo mesmo e essa certeza de que você está fazendo alguma coisa por algum motivo. Nada daquilo foi gratuito, não faço a mínima questão, inclusive, de esconder esses fatos. Eu acho que fazem parte de mim.

Entrevista - Uma das informações apuradas foi que quando você se mudou e chegou com a sua biblioteca montada, as pessoas se assombraram, queriam livro emprestado, você levava o pessoal para ouvir Caetano Veloso no bar. Você queria subverter o subúrbio?

Lira Neto - Não, eu não queria subverter nada. Essa época do Bom Jardim foi muito difícil realmente. Morava numa casa de três compartimentos com uma mulher e um filho e, de fato, os vizinhos se assombraram

quando começaram a perceber que chegavam caixas e mais caixas dentro daquela casa e sabe como é que é, periferia, todo mundo fica doido pra ver quem é o novo vizinho. E não chegava outra coisa. E eles: "O que é que tem dentro dessas caixas?". Olhavam-me assim, um cara barbudo, cabeludo, naquela época eu usava um cabelo grande. "O que é que esse cara tá trazendo aí para essa casa?". E, quando eles descobriram que eram livros, ficaram absolutamente absortos. "Por que é que esse cara tem tanto livro?". E eles começaram a se chegar, começavam a pedir uma xícara de açúcar, não sei o quê. Levavam uma colher de açúcar e levavam um livro que eu emprestava. Na época eu representei uma liderança natural dentro daquela comunidade e foi bastante interessante porque apresentei a eles uma série de autores, de compositores, fundamos um grupo de teatro. Juntei a rapaziada mais nova do bairro, sabe? Nunca montamos a peça, mas eu acho que o próprio processo de aprendizagem, de aproximação deles do teatro foi importante e de vez em quando eu encontro com algum deles, hoje todos já adultos, pais de família. Sei que pra eles foi importante essa experiência e pra mim foi importante dividir um pouco daquilo com eles. Foi um momento em que eu percebi, talvez - eu que sempre fui uma pessoa muito autocrática, muito egocêntrica e muito egoísta mesmo, muito dono do meu próprio universo - como era legal você também olhar pro outro, também perceber que o outro existe, começar a fazer alguns laços de afetividade. Simplesmente de doar, sem querer nada.

Entrevista - E o envolvimento com esta comunidade foi importante para a sua atividade como jornalista? Conviver com uma classe social menos elevada...

Lira Neto - Legal. Eu acho que, como eu disse, ao mesmo tempo que ela me deu a sensibilidade de perceber o outro, ela me deu também a sensibilidade de perceber as limitações que os outros viviam. Vi muita coisa feia na época em que eu morei ali. Convivi com o autoritarismo policial na época em que eu tinha o bar lá. O policial entrava, bebia, comia, ia embora e aquilo me produzia uma tremenda indignação. Convivi com vizinhos com filhos chorando de fome e isso, por mais que eu tenha vindo de uma família de classe média baixa, nunca tinha convivido com a pobreza mesmo, com a coisa da absoluta falta de recursos,



Quando morou no Bom Jardim, Lira Neto teve seu nome cotado para concorrer como vereador do bairro. Ficou seduzido pela idéia no começo, mas acabou recusando porque não queria fazer o papel de "salvador da comunidade".

Com a poesia *Sementes de Tamarindo*, Lira venceu o Concurso de Poesia da Uece, em 1985.



Um amigo de Lira afirmou que ele sempre foi um "checheiro de primeira", com fama de beber todas e escapulir dos bares antes da conta chegar.

me assustou um pouco. Mas eu acho que você tem razão quando diz que talvez isso tenha sido importante hoje, por mais que não me tenha transformado num panfletário ou qualquer coisa parecida, mas isso me despertou uma sensibilidade que se reflete de alguma forma no meu trabalho.

Entrevista - Como foi o ingresso do Lira Neto no jornal O Povo (jornal cearense, fundado há 70 anos pelo jornalista Demócrito Rocha)? Você entrou no curso e já no segundo semestre quis entrar no Jornal. Não era muito cedo? Eu não estou falando da sua idade, mas pelo seu tempo dentro do Curso.

Lira Neto - Pois é. Eu entrei no curso e no segundo semestre fui atrás de emprego no jornal porque eu tinha uma ansiedade muito grande de ser jornalista, tinha vontade muito grande de fazer isso. E aí a pergunta: como é que eu entrei no jornal O POVO? Eu fazia o segundo semestre e bati na porta do O POVO, na época - eu me lembro -, na mesa do Luis - Sérgio Santos (jornalista cearense, na época editor-assistente do Jornal O POVO. Hoje é professor do Curso de Comunicação Social da UFC e editor da revista Inside Brasil), professor de vocês. E eu disse: "Eu quero um emprego". Ele disse: "Ah, é? Você é formado em Comunicação?". Aí eu disse: "Não, eu sou aluno do curso de Comunicação". Ele disse: "Ah, é? E qual é o seu semestre? Você tá terminando o curso?". Eu disse: "Não, eu tô começando". Ele disse:

"Qual o semestre?". Eu disse: "Segundo". Ele olhou - o Luis-Sérgio adora um símbolo, aquela cadeira imensa dele -, virou para trás, deu uma gargalhada e disse: "Ah!, segundo semestre!" (fala caricaturando o professor - risos dele e da turma). Vocês imaginam a cena, né? Eu disse: "É, segundo semestre. Quero um emprego". Ele disse: "Faça o seguinte, quando você tiver lá para o sexto, sétimo semestre, você volta aqui que a gente conversa". Eu disse: "Não, eu quero o emprego é agora, está aqui o meu nome, está aqui o meu telefone". Dei inclusive o telefone do Diário porque eu não tinha telefone em casa. Disse: "Sou revisor do Diário e quero o emprego". E deixei o nome lá, o endereço em cima da mesa, o telefone e fui embora. Isso foi pela manhã. Quando foi à noite do mesmo dia, eu recebo uma ligação da editora de Economia do O POVO que disse: "Lira, nós estamos precisando de um repórter de Economia aqui. Você quer

fazer um teste?". Eu tomei um susto, depois de ter sido recebido daquela forma. E disse: "Quero".

Entrevista - E o que você sabia de economia?

Lira Neto - Nada.

Entrevista - Para um cara ligado à cultura, como foi trabalhar num caderno de economia?

Lira Neto - Eu não sabia nada de economia. Pois é, aí é que tá. Disse: "Mas eu vou". Eu acho, até hoje, que o bom jornalista tem que estar apto, tem que estar preparado para trabalhar num caderno de Economia ou no Vida & Arte (caderno de variedades de circulação diária no O POVO).

Entrevista - Você achava que já era um bom jornalista?

Lira Neto - Não, eu não achava que era bom jornalista, mas eu sabia que queria me tomar um. E disse: "Bom, se é economia, vamos pelo lado mais difícil". E era só um teste, afinal

“Com a mesma dignidade que hoje escrevo uma coluna para o jornal, eu fazia um cachorro-quente pra vender pro cara que às duas horas da manhã estava completamente embriagado”

de contas. Fui para fazer o tal teste. Quando eu cheguei, ela me deu um gravador e disse: "Vai entrevistar o fulano da Fundação Getúlio Vargas que está aqui e vai dar uma palestra pro staff de todo o Governo Ciro Gomes (ex-governador do Ceará e candidato à Presidência da República pelo Partido Popular Socialista nas eleições de 1998)". Eu disse: "Espera aí, eu só vim fazer um teste". Ela disse: "Não, vai lá e traz a matéria". E eu peguei um gravadorzinho igual a esse aqui e saí. Nunca tinha feito nada parecido e na hora foi um vexame porque eu tentava ligar o gravador para gravar e apertava no botão errado. Tentava conferir as pilhas, as pilhas caíam no chão. Eu disse: "Meu Deus, tô nervoso" (risos). Só que acabei fazendo a matéria de qualquer maneira, o cara compreendeu, felizmente, a minha angústia de foca e disse: "Termina aí de consertar teu gravador que a gente faz a entrevista". Ele esperou e eu fiz a entrevista e acabei

ficando. Naquele mesmo dia acabei ganhando o emprego com a matéria que eu fiz e uma semana depois me pediram a carteira pra assinar. E eu disse: "Mas aqui na Economia mesmo?" Ele disse: "É, na Economia". Eu disse: "Pô, então tá". Só que eu sempre dava um jeito nas matérias de Economia de fazer um gingado no texto pra mostrar assim: "Olha, eu tô no lugar errado. Por favor, percebam" (risos). E isso começou a se mostrar. E o pior é que surtiu efeito contrário. "Pô, esse cara escreve sobre Economia com uma facilidade, com uma ginga". Aí foi que eu disse: "Meu Deus, agora pronto, agora eu tô perdido, vou ficar na Economia".

Entrevista - Que gingado era esse?

Lira Neto - (Risos). Gingado, que gingado era esse? Boa pergunta. Por exemplo, ia fazer uma matéria sobre leilão de cavalos. Lembro-me dessa matéria, eu disse: "Como é que eu vou fazer uma matéria sobre leilão de cavalos?". Eu fui conversar com o cara, quando, na volta, no carro da redação, eu disse: "Pô, tenho uma grande matéria na minha mão". Aí comecei: "Numa época dessas de inflação galopante (risos), em que o governo perdeu as rédeas da economia, não sei que..." Comecei a fazer trocadilhos. Alguns infames, outros nem tanto. E terminei dizendo que quem estava investindo em cavalos hoje estava lavando a água (risos). E aí aquele texto caiu na mão da editora, a editora disse: "Mas será se eu público?". Ela pegou, olhou pra mim e disse: "Ah, público". E no outro dia foi uma sensação dentro da redação. "Porra, não sei quê e tal". Foi quando o editor do Vida & Arte disse: "Rapaz, vem pra cá". Mudaram de editor e na época o cara me levou pra trabalhar no Vida & Arte. O cara era o (jornalista) Norton Lima Júnior e ele me levou pra trabalhar no Vida & Arte e foi lá que eu comecei a entrar na área que eu achava que deveria ter entrado desde o começo.

Entrevista - Mas no caderno de Economia, você contribuía para o Vida & Arte fazendo resenhas?

Lira Neto - É, como eu estava paquerando com o caderno há muito tempo, o que eu fazia? Eu fazia lá minha materiazinha sobre debêntures (título de crédito ao portador, emitido por sociedades comerciais, que vence juros e é representativo de empréstimos amortizáveis) sobre quanto é que anda a bolsa de valores regional e depois terminava, pegava um livro que eu tinha lido na semana

Antes de abandonar a carreira literária, o entrevistado preparava aquele que poderia vir a ser o seu primeiro romance - *Aldas das Dinossauros* deixado de lado antes de sua conclusão.

passada, fazia uma resenha e entregava ao editor do Vida & Arte. Dizia: "Oh, publica aí e tal". Aí começaram a sair.

Entrevista - *A famosa polêmica com José Alcides Pinto já foi nessa época?* (José Alcides Pinto é escritor cearense, autor de Os Catadores de Siri, O Dragão, Cantos de Lúcifere e Os Verdes Abutres da Colina. A polêmica a que a pergunta se refere começou depois da publicação, no Vida & Arte, em 16 de fevereiro de 1992, da resenha de Lira Neto: "José Alcides, Cadê o Pinto?") - uma crítica ao livro de Alcides, O Sol Nasce no Acre. Utilizando uma linguagem ácida, Lira Neto afirma que "uma teimosa ausência de autocritica leva o poeta a publicar tudo que escreve, raspando as gavetas, acabando por incomodar a consistência do que se pretendia uma obra literária". Segundo escreveu, o livro seria "desnecessário" e "menor que médio". Insatisfeito com as críticas, Alcides Pinto escreveu a réplica à resenha de Lira, intitulada "Lira: Pseudo-Humorista" e publicada em 23 de fevereiro de 1992. Nela, José Alcides expõe sua indignação e diz que Lira Neto "parece ter tomado um porre de lança-perfume" e o chama de autor burro "com orelhas enormes, rabo, cascos e flatos dinossaurianos principalmente quando maneja uma pena ácida". Lira Neto dá continuidade à pendenga e escreve a tréplica "Mata o Véio". Para ele José Alcides ao invés de rebater as críticas ao livro, "escolheu o caminho mais fácil: descer ao rodapé da rinha pessoal", além de afirmar que o texto do escritor era "capenga, mal escrito e recheado de lugares comuns". O clima de tensão entre os dois foi resolvido posteriormente com uma visita de José Alcides Pinto ao O Povo. As pazes foram feitas e mereceram registro fotográfico publicado no Jornal).

Lira Neto - Eu já era do *Vida & Arte*. Foi a polêmica, inclusive, que eu acho que, pramim, foi importantíssima, porque foi o que me lançou dentro do *Vida & Arte*.

Entrevista - *Mas ela tinha esse objetivo?*

Lira Neto - Não, não tinha esse objetivo não. Na verdade, eu sempre tive um carinho muito grande pelo José Alcides Pinto, inclusive ele era amigo do meu pai. O José Alcides Pinto é primo da irmã do meu pai. Então havia um laço de parentesco assim e eu nunca tinha conhecido o José Alcides Pinto pessoalmente, mas eu tinha um carinho pelo que falavam na família. E um dia o editor do *Vida & Arte* disse: "Olha, o José Alcides Pinto está

lançando um livro. Vai lá e faz a matéria com o livro dele". Eu li o livro, o livro era terrível. E pela primeira vez eu tive que dizer que um livro era terrível porque as resenhas que eu mandava eram só dos livros que eu gostava. E disse: "Como é que eu vou dizer que o livro é terrível, sendo fã do José Alcides Pinto?" E aí fui entrevistar o José Alcides Pinto para saber porque que o livro era tão ruim e conversei com ele. Foi uma boatarde de conversa na casa dele. E eu cheguei à conclusão de que ele também achava o livro ruim. Então eu tinha que dizer que o livro era ruim, já que o editor tinha me pedido a matéria.

Entrevista - *Por que então a polêmica?*

Lira Neto - Pois é. Uma coisa é você reconhecer que faz um trabalho que não é legal, outra coisa é você ler isso no jornal. Ainda mais com a provocação que eu fiz, o José Alcides Pinto sempre foi um escritor erótico, sempre trabalhou com essa coisa da

"...o bom jornalista tem que estar apto, tem que estar preparado para trabalhar num caderno de economia ou no Vida & Arte"

literatura pornográfica. E eu fiz um título provocador, que era: "José Alcides, Cadê o Pinto?". E o livro não tinha nada disso, era um outro José Alcides Pinto que não era ele, não era a obra dele. Aquilo ali era um acidente de percurso e ele ficou muito chateado com aquilo e resolveu... Ele que criou a polêmica. Eu fiz uma resenha, ele respondeu. Quando ele respondeu, eu me senti no direito de responder a resposta dele e fazer a tréplica e aí foi. Não foi com o intuito de demarcar uma posição. Mas acabou sendo.

Entrevista - *Mas houve uma projeção para você a partir dessa resenha?*

Lira Neto - Acho que isso fez as pessoas olharem. Porque uma coisa no jornalismo cearense, acho que no jornalismo brasileiro como um todo, naquela época mais até do que hoje, há uma ausência tremenda do jornalismo literário, de trabalhar um pouco a Literatura, de observar os lançamentos, o que é que está acontecendo. E no Ceará, principalmente, uma terra em

que se lança tanto livro. Se você pegar os jornais, você vai ver a história, a data, o serviçozinho do lançamento. Você nunca vai ver uma matéria crítica sobre o livro. Nunca vai ver uma resenha de verdade. Nunca o jornal diz se o livro é bom ou ruim. E naquela época estava mais cristalizada ainda essa idéia de que o jornal era só um agendão de lançamento de livro. E eu usei fazer uma crítica de um livro. E talvez isso tenha chamado a atenção das pessoas porque isso não era mais habitual. Tinha sido em determinado período, quando os jornais alimentavam os cadernos de cultura. Depois eles mataram os cadernos de cultura. E quando alguém chega falando de livro, escrevendo sobre livro de forma crítica, eu acho que chamou uma certa atenção e surtiu um certo rebuliço na cidade.

Entrevista - *No jornalismo americano existe uma crítica e alguns autores da Literatura ficam muito à mercê dessa crítica. No Brasil há muito provincianismo nessa questão?*

Lira Neto - Eu acho que a coisa do jornalismo cultural peca justamente por isso. Os segundos cadernos se transformaram em grandes agendões. Você sabe que hoje vai acontecer o lançamento do livro do fulano de tal, vai acontecer a peça tal, vai acontecer o lançamento do filme tal, hoje estréia no São Luiz (*cinema de Fortaleza*) tal filme, mas você tem poucos retornos sobre a qualidade desse produto que o próprio jornal dá páginas, às vezes, e capas do segundo caderno, e você depois não tem o retorno do jornal. E aí? Foi bom ou não foi? É uma boa obra? Não que o jornal diga "vá ou não vá", isso é totalitário. Mas que o jornal forme até mesmo o seu leitor. Eu acho que o jornal tem essa obrigação. E a crítica tem esse papel fundamental. A gente não tem crítica, a gente não sabe criticar e não sabe ser criticado. A reação de qualquer autor, seja ele poeta, músico, o que for, a reação à crítica é sempre muito violenta. A gente que trabalha em jornal sabe disso. Ninguém aguenta receber crítica.

Tem um grande compositor, um grande cantor, talvez um dos maiores intérpretes da música cearense que quando ele vê uma crítica no jornal O Povo, que alguém vai entrevistar depois, ele diz: "Eu não falo com esse jornalzinho que me critica". Então se a gente não pode esperar isso de uma pessoa como o Raimundo Fagner (*cantor e compositor cearense*), por exemplo, você não vai poder esperar isso de um cara que está começando.



Lira casou-se duas vezes. Do primeiro casamento tem dois filhos: Icaro de 11 anos e Nara de nove. Sua atual esposa é uma psicóloga chamada Priscila.

O nome Nara, dado a sua filha, é uma homenagem a Nara Leão, cantora-musa da Bossa Nova e uma das grandes paixões do jornalista.



Segundo sua esposa, Lira gosta de ouvir desde Núbia Lafaiete e Silvinha Teles a João Gilberto, Caetano Veloso e Paulinho da Viola. Ele também tem uma queda por forró de pé-de-serra, jazz e blues.

Já que as pessoas não sabem criticar, já que as pessoas não são criticadas, a pintorinha, a pintorzinha, sei lá como é essa palavra, de porcelana que acabou de terminar o curso de acrílex acaba tendo o mesmo destaque no jornal do que, por exemplo, o Sérvulo Esmeraldo (*artista plástico cearense*), do que o Babinsky (*artista plástico polonês. Mora hoje em Várzea Alegre, município do Interior do Ceará*). Isso é uma distorção terrível. Se você pega pessoas que têm anos e anos de estrada como o Manassés (*violonista cearense*), como o Fausto (*Fausto Nilo, arquiteto e compositor cearense*). O Fausto até não, tem até uma certa proteção. Você pega pessoas que têm anos e anos de carreira e têm o mesmo destaque do cara que vai fazer show na churrascaria da esquina.

Entrevista - *Você assumiu o Vida & Arte em 92. Como editor você tentou mudar a realidade desses segundos cadernos?*

Lira Neto - É muito difícil, porque os vícios estão cristalizados. Quando você quer, por exemplo, intervir em qualquer uma dessas questões, esbarra com uma limitação: primeiro, de uma equipe e, depois, com o compromisso que o jornal tenha ou não com isso. Eu me lembro que na época que assumi o Vida & Arte, inclusive, não foi uma passagem muito pacífica, o jornal queria a minha cabeça a todo instante. Inclusive, numa reunião de editores, chegaram a me dizer o seguinte: "Olha, você não está correspondendo às expectativas, porque a gente está percebendo que o caderno está muito elitista, o caderno está entrando numa faixa de público que é muito resumida e a gente quer investir numa outra faixa. Eu disse: "Gente, perai. Numa cidade de dois milhões de habitantes, O Povo tira num bom dia 30 mil exemplares. Então quem compra jornal é um público qualificado e você tem de qualificar também o produto que você dá pra ele". O problema é que Fortaleza é uma cidade de novos ricos. A nossa elite esnoba carro importado, um dado que eu nunca entendi direito, quer dizer, entendo, mas nunca aceitei direito, é o fato de Fortaleza ser a capital que tem mais carros importados, uma cidade riquíssima. Mas quais são os bens culturais que essa elite consome? É o Fortal (*micareta realizada há sete anos ao final do mês de julho na Avenida Beira-Mar*), ou seja, essa incompatibilidade entre uma classe social, entre uma elite que tem acesso a bens materiais imensos e que é

completamente desprovida de qualquer referência cultural, isso quando você está editando um segundo caderno, você trabalha com essa contradição diariamente. Se as pessoas querem é Carla Perez (*ex-dançarina de pagode do grupo baiano É o Tchan*), se Fortaleza quer é Mastruz com Leite (*a mais famosa banda da chamada indústria do forró cearense*).

Entrevista - *Você assumiu cargos de editoria no jornal, editoria do Vida & Arte, do Sábado e chegou a editor-assistente quando ainda era estudante. Hoje, você condena a presença de estudantes na redação? Na época em que você assumiu como estudante, houve algum tipo de retaliação na redação ou na universidade?*

Lira Neto - Olha, fico muito à vontade para responder a essa pergunta, principalmente pelo fato de ter começado no segundo semestre e pelo fato de ter sido editor e estudante

“...eu sempre dava um jeito nas matérias de economia de fazer um gingado no texto para mostrar assim: olha, eu tô no lugar errado. Por favor, percebam”

ao mesmo tempo. Eu acho que estudante não deve estar na redação não. Eu acho que estudante deve estudar. Acho que estudante deve estar na universidade aprendendo. E é claro que cada caso é um caso.

Entrevista - *São dois pesos e duas medidas?*

Lira Neto - Não, não são dois pesos e duas medidas. É como eu estou te dizendo, eu acho que cada caso é um caso. O que eu acho é que as pessoas estão chegando muito cedo à universidade, cada vez mais cedo, conseqüentemente chegando mais cedo ao mercado de trabalho. Eu acho que, quando eu digo que cada caso é um caso, até chegar à redação, havia uma história de vida, havia uma história antes disso, no meu caso.

Eu fico nervoso quando eu vejo uma garota de 18 anos, 19 anos indo entrevistar o governador do Estado. Nada contra os 18 anos, nada contra os 19 anos, pelo contrário. Mas com a displicência das redações, com, às

vezes, as omissões dos editores, eu percebo que aquela menina vai *super-verde*, sem orientação nenhuma, aí pega o Tasso Jereissati (*governador do Ceará pela segunda vez e candidato à reeleição pelo Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB*), por exemplo. O Tasso estracalha, o *Ciro estracalha*.

Eu vou contar uma coisa a vocês, sem citar os nomes, por favor. Eu, na época que era repórter do Vida & Arte, fui entrevistar o James Amado, o irmão do Jorge Amado (*escritor brasileiro autor de Gabriela, Cravo e Canela e Dona Flor e Seus Dois Maridos*), que é casado com a filha do Graciliano Ramos (*jornalista e escritor brasileiro falecido em 1953, autor de São Bernardo e Vidas Secas*). Era uma coletiva, uma coletiva não. Era a gente e o Diário, O POVO e o Diário. A garota que foi entrevistá-lo chegou antes de mim e quando eu cheguei lá no hotel onde ele estava, o James Amado estava possesso, vermelho, irado, suado, gesticulando muito, eu vi de longe. Eu disse: "Gente, que cara grosso. Ele é assim?" E fui me aproximando devagar, para saber o que tinha acontecido, já que eu tinha chegado atrasado. Quando eu sentei do lado, eu percebi porque que ele estava daquele jeito. A primeira pergunta que a menina fez depois que eu cheguei foi: "E quantos livros o Graciliano Ramos escreveu?". Ele olhou para ela e disse: "Minha filha, quando você sair daqui, você passa numa livraria e compra um livro do Graciliano

Ramos. Aí você abre o livro, tem a orelha, sabe o que é a orelha do livro? Aí tem lá o título das obras, você conta de um por um e coloca no seu jornal".

Ou seja, as pessoas, às vezes, são submetidas a determinadas circunstâncias... Eu acho que o jornalista maduro nunca iria entrevistar o James Amado sem cobrar, inclusive, do editor dele: "Sim, mas como é que eu vou entrevistar o cara no seco? Quem é esse cara?". E qual não foi minha surpresa, só para terminar o caso, quando no outro dia eu li a entrevista publicada pelo Diário do Nordeste e que tinha lá DN, e as perguntas que o repórter do O POVO tinha feito. É esse tipo de coisa que eu acho complicado. Eu acho que a formação humanística é essencial e, às vezes, o curso de Comunicação não lhe dá só isso. Então eu acho que você tem de aproveitar, inclusive, o máximo que esse curso possa lhe dar, já que ele tem as limitações estruturais, a gente sabe muito bem porquê. Não é culpa do

Na estante de seu escritório, vários livros, com predominância de volumes de literatura erótica e romances policiais, além, é claro, de títulos de poesia.

curso por si só, não é culpa dos professores, pelo contrário, nós temos professores dedicadíssimos, mas é justamente isso que falta.

Entrevista - Lira Neto, você se referiu ao termo jornalismo cultural e foi editor do caderno de cultura do jornal O POVO ou caderno de variedades. Mas na imprensa sempre teve uma rixa muito grande do jornalismo tradicional com o jornalismo cultural. Como é que você vê essa questão: jornalismo cultural é jornalismo de frescura? Qual a importância do caderno de cultura?

Lira Neto - Eu tive a oportunidade de fazer os dois cadernos. Tive a oportunidade de fazer o caderno de variedades, que foi o Vida & Arte e, talvez, uma das poucas experiências no jornalismo cearense do chamado jornalismo cultural, que foi o *Sábado* na sua primeira fase. Ali era jornalismo cultural. É claro que há um preconceito muito grande. Tanto que nós no Vida & Arte sempre fomos chamados, na época, de “ala das baianas”, que era a ala do pessoal mais solto. E sempre éramos vistos com um certo preconceito pelas pessoas que faziam o resto do jornal. Da mesma forma, a editoria de Cidades sempre foi encarada com muito preconceito. Da mesma forma que o Vida & Arte era chamado de “ala das baianas”, todo mundo chamava a área de Cidades (editoria no jornal *O Povo responsável pela cobertura de assuntos como educação, urbanismo, saúde e polícia*) de “as cuscuzeiras”. E, graças a Deus, essas duas coisas parecem que estão sendo modificadas. Eu acho que começa a se compreender a importância, inclusive, para o jornal, da área de Cidades. Hoje, eu acho que qualquer jornalista que esteja no mercado sabe da importância fundamental, principalmente numa época que a gente vive hoje de globalização, dos jornais terem uma cobertura sobre a própria cidade, de absoluta coerência e precisão. Mais do que nunca, a editoria de Cidades é o carro-chefe de qualquer grande jornal regional. Então esses preconceitos existiram, existem ainda, persistem como todo preconceito, mas sinto que existe uma superação com relação a isso.

Entrevista - Como editor do Vida & Arte você disse que o pessoal queria a sua cabeça, e depois daí você foi trabalhar como repórter especial da editoria de Cidades. Por que essa passagem? Isso tem alguma relação?

Lira Neto - Tinha, claro. Quando eu estava no caderno *Vida & Arte* eu fui demitido pela manhã e readmitido à tarde. Aconteceu isso e eu achei interessantíssimo. Nessa época o poder dentro da redação estava um tanto quanto dividido e um editor me despediu de manhã e o outro me readmitiu à tarde e quando me readmitiu eu disse: “Eu volto, mas não volto para o Vida & Arte”. Depois eu senti a necessidade de me sentir jornalista mesmo, porque esse vício ainda existe nos segundos cadernos. As pessoas acham que podem escrever dentro da redação. Pegam o livrinho aqui, um CD aqui, fazem uma análise sobre isso dentro da redação e não saem, não vêem o sol. E foi a época que eu disse: “Eu quero ser repórter, eu quero aprender a ser repórter, eu quero ir pra rua, eu quero sentir o cheiro da cidade”. Ai passei um tempo fazendo isso e pra mim foi fundamental, aprendi pra

“A reação de qualquer autor, seja ele poeta, músico, o que for, a reação à crítica é sempre muito violenta. A gente que trabalha em jornal sabe disso. Ninguém agüenta receber crítica”

caramba. Por isso eu digo que o repórter tem que começar por Cidades. Se eu tivesse começado por Cidades, talvez, eu tivesse economizado algumas etapas, ou queimado, na verdade, algumas. Cidades é a escola.

Quando eu fui editor-assistente, a primeira coisa que eu fiz foi valorizar ao máximo a editoria de Cidades, foi dar todo poder à editoria. E realmente Cidades é o seguinte: aquele repórter que está incomodando, ou porque faz parte do sindicato, ou aquele repórter que não conseguiu se destacar em outra editoria, aquele repórter que é mais fraquinho, castigo pra ele: levava pra Cidades. E Cidades era assim, por isso que a gente chamava de “cuscuzeiras”, que era aquela coisa de jornalista em final de carreira, aquelas senhoras obesas e tudo mais. Hoje se você percebe a editoria de Cidades, pelo menos no *O POVO*, é completamente diferente. Hoje, com todas as distorções também, porque a juventude

nas redações tem grandes virtudes e tem grandes desvantagens. Mas se você percebe, o perfil mudou completamente. Hoje a editoria de Cidades é muito mais de jovens e talvez seja o carro-chefe mesmo do jornal.

Entrevista - E esse rejuvenescimento melhorou ou piorou o jornalismo de Cidades?

Lira Neto - É como eu disse. Não só o jornalismo de Cidades. O rejuvenescimento teve vantagens e desvantagens. Na verdade, faltou uma geração no jornalismo cearense. As pessoas que estão hoje em cargos de chefia no jornal, estão na faixa dos trinta e poucos anos de idade. Nesse processo de rejuvenescimento foi banida uma geração anterior que estava um pouco se sucateando. Entre essas duas existia uma geração que deveria hoje estar no mercado e que deveria hoje estar ocupando os cargos de chefia. Quando eu digo isso, eu falo das pessoas, inclusive, que estão dentro da universidade. Eu falo de Ronaldo Salgado (jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da UFC, criador e orientador da revista *Entrevista*), eu falo de Agostinho Gósson (jornalista, professor do Curso de Comunicação Social da UFC, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará e atual diretor da Rádio Universitária FM). Claro que elas fizeram opções, inclusive pessoais, ou o mercado as excluiu. De uma maneira ou de outra, essa lacuna é visível e você percebe que existe uma imaturidade imensa de algumas pessoas

que estão hoje dentro das redações e que elas precisariam ser puxadas, orientadas até por essa geração. Essa geração, que desde a greve de 88 (a mais longa greve dos jornalistas cearenses que durou 15 dias. Vários jornalistas foram demitidos de órgãos de comunicação no período), que tenha sido não o motivo disso, mas pelo menos o marco zero dessa história, preferiu outros caminhos. Uns foram para a universidade, outros foram fazer assessoria, outros abandonaram a profissão, outros morreram. Mas essa geração, na minha opinião, hoje, deveria estar no comando das redações.

Entrevista - Você nota entre os leitores mais ativos, um nível de opinião que falta um pouco aos jornalistas?

Lira Neto - Sim. Eu acho que eu estou aprendendo muito a fazer jornal no contato com os leitores. A Junia Sá, que é ex-ombudsman da Folha (de São



Um detalhe no quarto do casal chama a atenção: o grande número de quadros com fotos e pinturas de mulheres nuas, as “gordinhas”, musas de pintores renascentistas.

Lira afirma que, mesmo tendo ocupado cargos de comando no jornal, ainda sendo estudante, nunca se submeteu a salários mais baixos.



As revistas *Agora*, com apenas dois números publicados, e *Nação Cari*, já extinta, receberam colaborações de Lira Neto

Paulo), tem uma frase perfeita, diz o seguinte: "Às vezes, o jornalista acha que não precisa do leitor". Para o jornalista, era o seguinte: escrevia a matéria, saía o jornal, no outro dia rasgava o jornal. Experimenta trabalhar na redação, experimenta um leitor ligar, como é que ele é recebido pelo jornalista? O jornalista não consegue falar com o leitor. Eu acho que os leitores têm muito a colaborar e têm muito a dizer. E eles é que são o motivo do nosso trabalho, eles nem sempre são levados em conta. Os leitores nos ensinam, os leitores me ensinam diariamente como é que o jornal deve proceder, como é que o jornal é, como é que o jornal não é. Se você pegar a correspondência dos leitores, vai perceber que eles sabem justamente qual é o jornal que eles querem e qual é o jornal que eles não têm.

Entrevista - *Você assumiu o cargo de ombudsman no início deste ano. Numa das suas colunas, você disse que, às vezes, tem que cortar a própria carne para apontar os erros do jornal. É muito angustiante criticar os próprios colegas? Que críticas você mais se questionou antes de fazê-las?*

Lira Neto - Ainda bem que vocês tocaram nesse assunto, porque é algo que está me consumindo por dentro. Realmente é muito difícil. É um exercício maluco e as pessoas que convivem comigo têm testemunhado verdadeiras crises que eu tenho tido, justamente pelo fato de ter de chegar, às vezes, para amigos, para colegas meus, pessoas que frequentavam a tua casa, e dizer: "Porra, não é assim que se faz". O exercício de ombudsman é de fato um exercício muito solitário, ele pressupõe uma dor muito forte. Todo dia você se depara com a seguinte angústia: eu vou ter, essa história que você falou, de cortar a própria carne. Porque geralmente os colegas não percebem isso como uma crítica profissional. Geralmente os colegas nivelam isso no rodapé da ofensa pessoal. Isso é muito doloroso.

E eu tenho sido bastante paciente e tenho tentado ao máximo descobrir em mim uma tolerância que eu não pensava que existia nesse contato diário com os colegas. Quer que eu diga uma coisa a vocês? Por incrível que pareça, não é querendo limpar a barra de ninguém, mas a reação do principal alvo até agora das minhas colunas, que é o dono do jornal (Demócrito Dummar), é absolutamente diferente da reação dos colegas da redação. Os colegas de redação reagem de uma forma irracio-

nal, pouco diplomática. Talvez essas minhas declarações, inclusive, sejam pouco diplomáticas. Talvez quando a revista saía eu não seja mais ombudsman, mas é impressionante como o jornalista é impermeável à crítica. É impressionante como a gente que cobra tanto das pessoas ética, que cobra tanto moralidade pública e na hora que nos deparamos com as nossas próprias limitações, quando alguém chega pra ti e diz: "Olha, cara, você errou", como o jornalista esperneia e não consegue reconhecer os erros. Ou quando reconhece, como esse reconhecimento é absolutamente desproporcional ao tamanho do erro. O velho problema de você erra em manchete e responde de *erramos* em corpo 8. Quando tem *erramos*.

Entrevista - *Qual a diferença do seu trabalho, que você está fazendo nas suas colunas para o que era feito antes? Como é que as críticas vinham, como é que eram recebidas, como é que estão sendo*

“...na época que assumi o *Vida & Arte*, inclusive, não foi uma passagem muito pacífica, o jornal queria a minha cabeça a todo instante”

recebidas agora com o seu trabalho?

Lira Neto - Cinthia, é complicado pra eu falar isso. Eu não posso, até por uma questão ética, fazer nenhuma comparação entre o meu trabalho e o dos ombudsmans anteriores. Agora eu sei que, hoje, nesse ano, o jornal tem me dado a oportunidade de fazer pelo menos uma crítica diferente, de dar um outro perfil à coluna. Talvez até porque o próprio processo esteja sendo amadurecido. Talvez a própria instituição dentro do jornal O Povo tenha amadurecido um pouco. Os ombudsmans anteriores se preocupavam muito, e talvez tivessem todos os motivos pra isso, de consertar os deslizes mais técnicos ou os escorregões na gramática. Talvez porque faltasse alguém que chamasse a atenção da redação para isso.

Eu acho que, nesse ano, o jornal chegou à compreensão de que há questões éticas muito graves, muito sérias, e que há procedimentos jornalísticos muito complexos e muito

complicados, que a gente nunca tinha tocado e que a gente precisa começar a investigá-los, começar a denunciá-los, começar a analisá-los. E é justamente aí que vem a complicação, porque se você diz para o jornalista que casa não se escreve com "z" e sim com "s" é uma coisa. Se você diz para um jornalista que você está sendo leviano, que você está fazendo chantagem com o cargo que você ocupa e que você está com esse tipo de pecado, é muito mais fundo e te toca muito mais. Talvez a resposta esteja sendo mais violenta hoje em relação ao tempo que eu estava antes na redação e quando era a vítima e não era o estilingue, quando eu era a janela e não era o estilingue. Eu tenho só escolhido janelas mais altas. Isso é uma mudança.

Entrevista - *O destaque da sua atuação como ombudsman é o fato de você ter começado a tocar em temas que não se discutiam na redação do jornal O POVO, como por exemplo, o caso dos meninos jornaleiros (coluna *Perversa Contradição* de 02/03/98) ou o caso de determinadas notícias estarem atreladas aos interesses dos anunciantes (coluna *O Inferno na Paraíso* de 16/02/98). No entanto, em depoimentos colhidos no jornal O POVO, a gente entrevistou vários jornalistas e percebeu que eles acreditam que você não defendia ou não levantava essas bandeiras na época em que você era editor-assistente. Como você vê isso?*

Lira Neto - Isso é natural. As pessoas precisam compreender uma coisa: quando eu estava como editor-assistente, eu estava fazendo parte de uma equipe que era composta de três pessoas e as decisões de uma pessoa pouco significavam, ou as opiniões de uma pessoa pouco significavam, para as decisões de um grupo. Os casos que você cita, por exemplo, do menino jornaleiro, o caso dos colunistas, o caso dos atrelamentos aos anunciantes, tudo isso foi objeto de discussões, muito acaloradas do então editor-assistente com o próprio presidente do jornal. Eu me lembro que nós brigávamos diariamente, discutíamos, trocávamos idéias diariamente pelo telefone, inclusive, sobre a manchete que o jornal ia dar naquele dia. Eu acho que o presidente do jornal O Povo não precisa de pessoas que concordem com ele, ele precisa de pessoas que discordem dele. E ele sabe disso. Se ele ler essa entrevista, ele vai saber disso. Ele não precisa de pessoas que digam sim. Ele precisa de pessoas que digam não, e que digam você está errado. Quando

Lira tem no jornalista Alberto Dines uma referência profissional. Também admira Cláudio Abramo, já falecido, e Elio Gaspari, da *Folha de São Paulo*.

ele me escolheu para ser ombudsman, eu acho que esse foi um dos motivos. Inclusive quando ele me fez o convite, eu disse: "Você está louco? A final de contas eu tenho sido o teu interlocutor mais incômodo". Ele disse: "É justamente isso que nós estamos precisando".

Entrevista - *Você chegou a propor, por exemplo, uma matéria sobre os meninos jornalheiros ao Demócrito Dummar?*

Lira Neto - Eu não diria matéria, eu chamava atenção para o fato. Como é que a gente hoje publica uma matéria sobre os meninos que quebram pedra lá não sei aonde, lá em Caucaia, se esse jornal vai chegar a mão do leitor pelas mãos de uma criança de dez anos? Com que cara eu vou dar manchete dizendo: "Pedreira explora trabalho infantil" se vai estar amanhã, no sinal, um menino de dez anos vendendo isso aí? Esse tipo de provocação, esse tipo de reflexão sempre esteve muito presente nesse meu trabalho. As pessoas me cobram muito isso: "Ah, quando você era editor-assistente, você deixava que determinadas matérias, nitidamente encomendadas, passassem, matérias com o objetivo claro de privilegiar um assinante passassem". Naquela época, eu fazia parte de uma chefia que tinha o poder de espemear, mas era paga pra aquilo. Quantas vezes eu cheguei e engoli calado algumas questões porque eu fui voto vencido, porque simplesmente sabia de erros dentro do jornal? Hoje eu estou tendo a oportunidade,

com a independência que o jornal O POVO me dá, de ser ombudsman, de colocar as coisas como eu sempre achei que elas deviam ser tocadas.

Entrevista - *Por que isso não ficou claro para essas pessoas da redação? Qual era a sua relação então com essas pessoas?*

Lira Neto - Eu não sei a quem vocês perguntaram. Eu não sei se vocês perguntaram às pessoas certas.

Entrevista - *A discussão era feita só com a direção do jornal ou era uma discussão mais aberta? Você transparecia isso para a redação?*

Lira Neto - Nós tínhamos uma reunião diária com os editores e nós repassávamos a dificuldade de negociar algumas coisas. Inclusive dizendo: "Olha, tal matéria que a gente tinha investido pra caralho dançar, tal matéria não vai sair". "Não vai sair por quê?" "Por isso, por isso e por isso". Nós tínhamos esse contato diário com os editores. Eu não sei se essa discussão chegava à redação como um todo.

A primeira vez que eu percebi que determinada matéria não tinha saído, depois que eu estava como ombudsman, eu disse: "Pronto, chegou a hora de mostrar como é que funciona essa coisa por dentro". E aí que eu acho a grande vantagem de eu estar neste cargo. Eu conheço aquela redação de "A" a "Z". Eu sei como é que as coisas funcionam. Na hora que eu leio uma notícia, eu sei o que é que está na entrelinha de cada linha daquela. Porque eu sei até onde o jornal vai e até onde o jornal não vai. Na hora que eu percebi que o jornal não foi, eu disse: "Agora eu vou e vou publicar".

Entrevista - *Onde é que você sente mais à vontade, em cargos de comando ou como repórter dentro do jornal?*

Lira Neto - Eu não tenho a mínima vontade de voltar de novo a comandar o que quer que seja. Aliás, eu não sei mais nem como é que eu comando a minha própria vida. Mas o repórter, é

"Os colegas de redação reagem de uma forma irracional, pouco diplomática. Talvez essas minhas declarações, inclusive, sejam pouco diplomáticas"

isso que a gente nunca pode esquecer: se algum dia vocês chegarem a um cargo de chefia, nunca esqueçam que vocês são repórteres. Vocês são repórteres, essencialmente nós somos repórteres. Estamos eventualmente investidos num cargo de chefia, mas voltaremos sempre a ser repórteres. E eu acho, inclusive, que é esse o maior prazer do jornalista. Não é quando ele vira um burocrata atrás de uma mesa, dizendo o que você vai cobrir ou como você vai cobrir, mas quando ele vai para a rua. Esse é o grande tesão do jornalista. E eu sou um repórter, estou ombudsman. Quando esta entrevista for publicada, provavelmente estarei na rua fazendo uma matéria, seja ela do buraco da rua, ou da greve do ônibus, da manifestação dos Sem-Terra ou do lançamento do livro do fulano de tal.

Entrevista - *Você está sendo pressionado para sair ou está se sentindo numa posição desconfortável no cargo de ombudsman? No*

seu contrato há uma estabilidade de um ano. No caso da Folha de São Paulo já reduziram para seis meses. O POVO pretende fazer alguma coisa nesse sentido?

Lira Neto - O cargo realmente é melindroso, porque você melindra o patrão e coleciona desafetos entre os colegas. Você fica entre a cruz e a espada. Desagrada a gregos e troianos e, é claro, existe, eu não diria pressão, no sentido de: "Ah, sai daí". Mas existem determinadas (ri, hesita) — eu não tenho uma palavra pra isso —, mas existem determinadas indicações de algumas pessoas, tanto da parte da diretoria como da parte da redação e, quem leu as minhas colunas sabe disso, de que eu estou sendo incômodo. Eu não me reconhecera exercendo esse cargo se eu não fosse incômodo. Eu estaria me traindo se eu não fosse incômodo. E o fato que você fala da Folha ter diminuído a estabilidade, eu tenho a nítida compreensão, hoje, de

que a imprensa brasileira parece que não estava devidamente preparada para a instituição do ombudsman. Na verdade, a instituição do ombudsman no Brasil surgiu mais por uma questão de marketing do que qualquer outra coisa. Mais que por uma compreensão dos jornais de perceberem que precisam fazer uma autocrítica ou qualquer coisa desse tipo, tudo isso foi uma estratégia de marketing, porque os grandes jornais do mundo tinham, a Folha tinha de ter. Se a Folha tinha, alguns jornais parecidos com a Folha tinham de ter. Então O POVO, que durante muito tempo, foi um pastiche da Folha, precisava ter seu ombudsman. Da mesma forma que ela tinha 'para entender o caso', os 'números', 'leia mais na página tal', essas bossinhas editoriais, ele precisava ter um ombudsman. Eu não sei se o mercado está preparado pra isso. Um outro jornal, além do O POVO, que seguiu o exemplo da Folha, que foi o AN Capital, lá de Santa Catarina, demitiu o ombudsman no outro dia que ele terminou o mandato.

Entrevista - *Você disse há pouco que o personagem que é mais alvo das críticas é a presidência do jornal.*

Lira Neto - Não diria a presidência, é o jornal, a instituição.

Entrevista - *E que no entanto é a que reage melhor às críticas...*

Lira Neto - Reage menos ruim...

Entrevista - *Só que, no entanto, duas colunas suas que me pareceram bem pertinentes, são assuntos que são de relevância, eram os*



Atualmente Lira colabora com o site Observatório de Imprensa, na internet. Lá podem ser encontradas algumas de suas colunas. E também participa como comentarista do programa do Observatório, transmitido aos domingos pela TV Cultura.

Além da coluna publicada às segundas-feiras, o ombudsman envia comentários diários à redação do O Povo



Lira Neto faz uma estatística diária do número de leitores que ligam e escrevem. A divulgação dos resultados é feita a cada três meses em sua coluna

colunistas e a questão das assessorias de imprensa, na dos colunistas você criticou o colunista que usa a coluna para fazer lobby (De Olho nos Colunistas de 09/03/98), mas você não criticou o jornal que mantém o colunista. Na da assessoria (série de três colunas que criticam o trabalho de jornalistas que mantêm assessorias de imprensa e empregos em áreas correlatas no Jornal. São elas: Somos Todos Corruptos? de 27/04/98; A Lógica do Bumerangue de 04/05/98 e O Silêncio Nunca é Inocente de 11/05/98) você não criticou a política salarial que mantém a pessoa fiel ao cargo, só na terceira coluna e ao final dela. Por que você não tocou nesses dois assuntos logo no início?

Lira Neto - Belíssima...! Pô, você tá aprendendo a ser jornalista! Maravilha! Vai ser um grande jornalista esse rapaz! Grande pergunta! (diz em tom irônico) Olhe, de fato há um alvo preferencial hoje do ombudsman na instituição. Eu não acho que necessariamente o ombudsman deva ser o algoz da redação. O ombudsman deve ser, às vezes, até um aliado, um parceiro, porque afinal de contas o objetivo é o mesmo. Qual é? É fazer um jornal melhor. Inclusive parceiro da própria diretoria do jornal. Fazer um jornal melhor, mais ético, com menos erro de informação, com menos erros de português. Ou seja, isso é preocupação, inclusive do dono da empresa, do dono do jornal. Você me pergunta porque é que em dois momentos eu não falei da questão salarial e dos colunistas. O colunismo social hoje que é praticado no O POVO é de um anacronismo, é de uma subserviência ao poder, de uma absoluta falta do senso de ridículo terrível. E na hora que eu estou criticando o colunista, inevitavelmente eu estou criticando o jornal que mantém esse colunista, pôxa. Não há como dissociar o dançarino da dança. É uma coisa só. Eu critico inclusive, um colunista que tem uma coluna do primeiro caderno do jornal O POVO, que é outra aberração - um colunista no primeiro caderno, junto com Política, Brasil, Internacional. (Lira refere-se ao colunista Lúcio Brasileiro e critica o fato dele ter recomendado numa de suas colunas o vinagre de maçã para curar todo tipo de doenças). Ou seja, na hora que eu estou criticando um cara que toma uma atitude dessa eu estou criticando o jornal que mantém esse sujeito. E o jornal não ouve as críticas

do ombudsman, por quê? Na hora que você critica os assessores de imprensa, na hora que você critica o assessor da Secretaria de Segurança Pública que é repórter de polícia do jornal. Quem mantém esse cara como repórter de policiado jornal?

Entrevista - Para o leitor isso parece que não fica muito claro, se você não tocar na política salarial da empresa. A crítica à empresa não é mais suave?

Lira Neto - Diga-me, diga uma coisa, qual foi a cobrança que eu fiz na resposta à nota de redação (nota publicada por exigência do comando da Redação do O Povo em 11/05/98 na coluna de Lira Neto) A redação perdeu uma ótima oportunidade de discutir a questão pelo enfoque salarial. Ou seja, na hora que o jornal exige exclusividade de um repórter, ele vai ter que pagar por isso. Isso está dito. Está dito na terceira coluna? Está bem. Talvez devesse ter dito isso na primeira.

“Quantas vezes eu cheguei e engoli calado algumas questões porque eu fui voto vencido, porque simplesmente sabia de erros dentro do jornal?”

Da mesma forma que eu cobro e aponto os erros dos repórteres, dos colegas, o ombudsman também não é infalível. O ombudsman poderia ter introduzido essa questão logo na primeira coluna, de fato. Se não coloquei, foi uma falha. Quando eu percebi, coloquei, depois, quando eu recebi essas críticas.

Entrevista - Você é uma pessoa, que a sua função basicamente é de criticar o trabalho dos outros. E por isso, você é muito criticado também. Como é que você recebe essas críticas?

Lira Neto - Eu disse a vocês que o jornalista é impermeável a críticas. E o meu grande aprendizado ao criticar é também saber ser criticado. E de vez em quando a redação me dá uns toques. E diz: “Olha, você cobrou isso aqui, mas na tua crítica faltou esse...”. Eu venho e faço a ressalva. Hoje mesmo, eu acabei de escrever a coluna, uma parte da coluna que vai sair na segunda-feira e digo: “É, de fato eu esqueci

disso e eu acho que deva ser colocado”. Ou seja, a mesma disponibilidade que eu tenho para a crítica, eu devo ter para a autocritica. E eu acho que é justamente isso que falta ao jornalista em geral.

Entrevista - Você acredita que tenha cometido grandes erros?

Lira Neto - Claro! Não sei grandes erros, eu acho que erros, ou vocês vão esperar que o ombudsman acerte sempre? Ou vocês vão esperar que o ombudsman seja o dono da verdade? Ou vocês vão esperar que eu esteja acima do bem e do mal? Claro que devo ter cometido injustiças, claro! Não seria humano (com ênfase), se não tivesse cometido. Não sou Doutor Spock.

Entrevista - Na sua análise, quais foram os seus grandes acertos e os seus grandes erros na coluna?

Lira Neto - Os grandes acertos vocês já disseram, e eu acho que os leitores perceberam, que é tocar nessas questões que até então eram tabus. Eu não diria... (pausa) Grande erro? (pausa) Talvez, é ter percebido, com um certo atraso, que o ombudsman tem um papel pedagógico, que o ombudsman tem um papel não da punição pela punição, mas o ombudsman tem o papel de apontar caminhos e apontar alternativas. Talvez vocês notem, se começarem a ler as colunas, vão perceber que há um deslocamento, uma tentativa nesse sentido.

Entrevista - Nas suas colunas, os jornalistas que são criticados também têm espaço para se defender?

Lira Neto - Todos, todos.

Entrevista - Suficiente?

Lira Neto - Suficientíssimo. Todos os temas que estão na coluna, que chegam na coluna de segunda-feira são antes discutidos nos comentários internos. Na hora que alguém me pede uma resposta, um dia me pediram uma resposta na íntegra, isso aconteceu há duas semanas, ela esteve lá na íntegra. Agora, claro que eu me permito discordar dessa resposta. É claro, natural. Inclusive, eu estranho quando o repórter, às vezes, diz assim: “Eu exijo, na coluna de segunda-feira, que você dê retorno sobre isso, é a minha opinião”. Não precisa vocês me exigirem. No dia que a redação me pediu: “Eu quero a resposta na íntegra”... Pô, eu vou sacrificar um terço da coluna, mas vá lá, não querem na íntegra? Numa boa, na íntegra.

Entrevista - A imagem do ombudsman está muito associada ao comportamento do leitor. E a

Ele diz observar uma mudança comportamental do leitor. No início os erros apontados se referiam mais a problemas de ortografia e titulação de matérias. Hoje, ele percebe análises mais globais.

gente no curso de Comunicação sempre tem umas aulas que passam pra gente a imagem do leitor como alguém que também tem um comportamento ativo, não é só aquela coisa passiva. Mas no jornal, na tua posição como ombudsman, como é que está sendo a reação do leitor? Ele é ativo? Ele faz uma leitura crítica?

Lira Neto - É mais ativo e mais crítico do que eu nunca imaginei. O leitor percebe coisas que a gente dentro da redação não percebe. Boa parte das minhas colunas são provocadas por comentários de leitores. Naverdade, o leitor sabe ler. E é isso que, às vezes, a gente menospreza: a capacidade do leitor de entendimento, de compreensão, a possibilidade de leitura que ele tem. Às vezes, a gente não percebe isso. E os leitores estão muito atentos. Os leitores são atentos não só aos erros, mas às omissões do jornal. Os leitores percebem, o leitor não é bobo. Triste do jornalista que pensa que o leitor é bobo e que pode passar para o leitor o que quiser.

Entrevista - Você nunca foi vetado em nada que você quis escrever?

Lira Neto - Não, não. No dia que eu fosse vetado, a função perderia o sentido e aí eu pediria o boné e iria para casa. Porque no dia que me modificarem uma vírgula no meu texto - e quando eu falo uma vírgula eu não tô brincando... Eu fico até grosso, puto da vida, quando eles não colocam o parágrafo no lugar certo. Ou seja, há o cuidado a esse ponto, de não desvirtuar uma vírgula do que eu escrevo.

Entrevista - O Lira Neto, ele é um camaleão profissional? Ele muda de cor de acordo com o cargo que ocupa? Quando ele era editor-assistente ele defendia o lado do Jornal. Agora que ele é ombudsman, ele defende o leitor. Você se empenha ao máximo?

Lira Neto - Não é questão de mudar de pele, não é uma questão de mudar de perfil ou de passar a reagir ou agir, ou pensar, de uma outra forma. Não é isso. Eu acho que dentro do jornal você ocupa determinadas funções diferentes e você deve estar absolutamente consciente do teu papel dentro daquela função. Se eu estava num papel de editor do Vida & Arte, eu tinha que fazer o melhor caderno possível. Se eu estava no caderno Sábado, eu tinha o papel de fazer o melhor Sábado possível. Se eu estava no papel de editor-assistente, eu tinha que coordenar aquela redação da

melhor forma possível. E se eu estou como ombudsman, eu tenho que exercer esse papel com todas as limitações que cada um desses cargos pressupõem.

Entrevista - Lira, e de todos esses cargos que você assumiu, qual foi o que trouxe mais satisfação para você?

Lira Neto - Em nível de prazer mesmo?

Entrevista - Sim.

Lira Neto - Foi quando eu estava editando um caderno chamado Sábado (criado em 1994), um Sábado que não existe mais hoje. É um Sábado que foi extinto pelo jornal, era um formato *standard* e que a gente fazia uma proposta de jornalismo cultural que talvez tenha sido uma das grandes experiências do jornalismo cearense e, talvez, tenha sido uma das grandes experiências da minha vida. Com certeza, aquilo me dava muito prazer. Mas o jornal achou que era inviável

“Na hora que eu leio uma notícia, eu sei o que é que está na entrelinha de cada linha daquela. Porque eu sei até onde o jornal vai e até onde o jornal não vai”

economicamente, achou que a gente escrevia pra trezentos leitores, e não percebeu a importância, inclusive institucional, de manter um caderno daquele nível. E é uma pena porque eu tinha um prazer imenso e sabia que tinham leitores que tinham prazeres imensos em ver aquele negócio. Talvez tenha sido o meu grande momento e talvez tenha sido a grande saudade. Eu falo até com uma certa nostalgia da ausência do Sábado e a falta que o Sábado faz hoje na imprensa cearense.

Entrevista - Você já comentou que a imprensa local é pobre devido a uma certa ligação muito próxima entre ela e o poder político e o poder econômico. Mas você não acha que essa é uma realidade nacional, hoje, e quais são os danos que ela causa no dia-a-dia da imprensa?

Lira Neto - Ok. Acontece em qualquer lugar, você tem razão. O comprometimento, o atrelamento da imprensa ao poder político ou ao poder

econômico acontece não só hoje e não só aqui no Ceará. Isso faz parte, inclusive, da própria história da imprensa no mundo capitalista. Seria ingenuidade mentir ou seria ingenuidade falar alguma coisa em contrário. Mas o que acontece é o seguinte: aqui no Ceará, como toda boa província, o problema é que essas relações são muito evidentes, são muito próximas e a fragilidade econômica das empresas de comunicação, que trabalham só com comunicação, que é o caso do jornal em que eu trabalho, e está tentando inclusive diversificar a área de ação dele até pra manter como grupo, como *holding* e tal, mas... é muito frágil! Então, nessa ordem de fragilidade econômica, você tem que fazer determinados acordos. Infelizmente é assim, é aí que você vê o pecado. Nós estamos num ano eleitoral. Eu espero que, durante todo esse ano, o jornal não caia na tentação de resolver o seu problema de caixa - que é eterno - justamente pela aproximação de uma data que significa quem nós vamos eleger. O que me parece é que os jornais têm feito muito isso. Eu morro de medo de ter pego esse cargo de ombudsman justamente num ano eleitoral porque na hora que isso ficar evidente ou na hora que eu conseguir ler isso na entrelinha, como já consegui e como já escrevi sobre isso, eu vou ter que falar. E eu não sei se o jornal vai resistir a isso. Eu não sei se a imprensa cearense vai resistir a isso.

Entrevista - As suas colunas ainda vão render muita polêmica?

Lira Neto - Deus queira! (risos)

Entrevista - E você esperava que rendesse tantas polêmicas, que repercutisse tanto?

Lira Neto - Não. Eu esperava fazer um trabalho, como eu te disse, que não me trairse nele. Se ele rende polêmica, se ele está tendo uma boa repercussão, isso é só consequência, não é o meu objetivo. O meu objetivo é fazer um trabalho bem feito.

Entrevista - Você renunciou ao cargo de professor na Universidade Federal do Ceará, mas disse que queria que alguma coisa fosse feita com relação aos assessores (de imprensa que também trabalham no O Povo e prestam assessoria de imprensa a órgãos públicos e empresas privadas, que configuraria uma incompatibilidade). Como é que o Jornal responde ao leitor e o que é que o leitor vai pensar do Jornal se ele simplesmente não responder à sua provocação? (A renúncia ao cargo



Lira considera o jornal O POVO um dos melhores jornais regionais do Brasil, mas acha que a imprensa Nordeste, de uma maneira geral, é muito pobre devido à sua ligação estreita com o poder econômico.

Praticamente todas as pessoas entrevistadas na fase de produção concordaram em um ponto: Lira sempre teve uma personalidade inquieta, irônica, dada à polêmica e à mordacidade.



Para os amigos mais íntimos, Lira é um anarquista congênito, dono de um senso de humor que às vezes o torna ferino e desagradável

de professor substituto do curso de Comunicação Social da UFC foi comunicada aos leitores na coluna A Lógica do Bumerangue, publicada em 04.05.98. Lira Neto afirma que foi levado à renúncia porque a Chefia da Redação do O Povo via “incompatibilidades” entre o exercício do magistério e a função de ombudsman. Na resposta da redação às críticas de Lira, publicada em sua coluna O Silêncio Nunca é Inocente, de 11.05.98, a Chefia esclarece que “o ombudsman deveria ter consultado a presidência do jornal (...) antes mesmo de ter feito a inscrição no concurso da UFC”. Ainda segundo a Chefia, todos os jornalistas do O Povo prestam esse tipo de informação na mesma situação em que se encontrava Lira Neto).

Lira Neto - É...Essa pergunta é ótima e eu acho que ela deve ser feita ao Jornal. Eu acho que fiz minha parte e vou continuar fazendo. Tenho sete meses pra continuar fazendo a mesma cobrança. Na hora que eu deixei e renunciei ao cargo de professor da UFC, um cargo conquistado por concurso e que não tem nada de incompatibilidade com o exercício do cargo que eu ocupo hoje no Jornal - pelo contrário, se complementam - eu acho que isso é bastante claro na cabeça de qualquer pessoa sensata, que eu quis criar um fato ou impor um fato político, ou seja: ou o jornal faz isso ou vai ficar desmoralizado. E eu vou ter um ano inteiro pra pedir que o jornal e que os jornalistas que tenham essas implicações, que tenham esses *senões*, que eles façam o mesmo.

Entrevista - Você já recebeu alguma resposta do jornal sobre isso?

Lira Neto - Sobre esse ponto, especificamente, não. Eu recebi um telefonema de um leitor que me perguntou assim: “Mas será que tu estás pregando pro deserto? Porque tu falas, falas, falas e não acontece nada? Ai o jornal continua cometendo os mesmos pecados?” Às vezes parece mesmo. Às vezes dói quando você se vê assim meio que um ermitão falando para a montanha e a montanha não se mexe, né? Se você se der ao trabalho de ler o jornal todos os dias, vai perceber que algumas das interferências do ombudsman foram fundamentais pra que o jornal mudasse algumas posturas. Talvez o meu grande erro tenha sido, no começo, esperar que os resultados fossem imediatos. Mas são resultados que, às vezes, vêm a médio e longo prazos. No caso dos gazeteiros, eu sei que eu consegui fazer com que um

projeto que estava estacionado começasse a andar. Eu não sei quando é que ele vai ser concretizado, mas eu sei que esse projeto está andando, e o jornal não falava sobre esse assunto. Você vê hoje matérias falando sobre o trabalho da infância e do menor que, pelo menos, citam os gazeteiros, ou seja, o jornal, pelo menos, percebeu isso. Claro que são conquistas mínimas, que é uma coisa meio de que “revolução molecular”, mas que têm efeitos, têm.

Entrevista - Houve na redação alguém que dissesse que essa sua renúncia ao cargo de professor substituto da UFC teria sido autopromoção?

Lira Neto - Eu já ouvi isso...

Entrevista - E o que você acha disso?

Lira Neto - (longa pausa) Eu prefiro não responder a essa pergunta como eu também não respondi a essa provocação. Eu acho que o leitor que leu as colunas e que percebe o encaminhamento que eu estou dando à

“Eu não me reconhecera exercendo esse cargo se eu não fosse incômodo. Eu estaria me traindo se não fosse incômodo”

coluna é que vai ter de responder isso. Eu quero que o jornal depois me mostre quem são os assessores de imprensa que ele conseguiu resolver. Eu não vou responder a essa pergunta, eu não estou fugindo dela, eu acho que não cabe a mim responder. Será que é autopromoção (pausa) renunciar a uma das coisas que você mais queria na vida, mesmo que fosse por contrato temporário? A ida, pra mim, para a universidade é uma das coisas que eu mais desejei. Eu nunca quis com tanta intensidade uma coisa. Cheguei a dar aula durante um mês numa cadeira chamada História da Comunicação. E aquele contato com aqueles alunos, foi impressionante como aquilo me fez bem. Por isso que eu disse a vocês que o cargo de ombudsman é um cargo solitário. Por mais que ele tenha um contato virtual com o leitor, ele precisa, às vezes, pelo fato de trabalhar em casa, isolado da redação, não sei que e tal, você cria uma solidão muito grande. E na hora em que eu fui pra sala de aula e comecei a ver os alunos, aquilo pra

mim foi muito bom. Aquilo me deu uma força, me renovou. E essa minha aproximação, esse meu desejo por uma carreira acadêmica, que é outra coisa que eu quero fazer, quero fazer meu mestrado, quero fazer meu doutorado, quero seguir isso, na hora que eu renunciei a isso, teve uma dor tremenda que qualquer bom leitor que lê aquela frase na minha coluna dizendo: “Renuncio ao cargo e tal, mas cobro da redação uma coerência em relação a isso”, vai perceber que aquela coluna foi escrita com uma dor imensa. Foi escrita com um coração muito apertado e com toda a sensibilidade, sabendo todas as conseqüências que aquele ato iria trazer pra mim.

Entrevista - Você acredita sinceramente que essa sua cobrança da exclusividade jornalística...

Lira Neto - Vá produzir efeitos?

Entrevista - Não é que ela faça efeitos, se ela seria possível na realidade jornalística cearense?

Lira Neto - Eu acho que ou jornalismo cearense faz isso, ou ele vai continuar sendo um jornalismo paroquial, provinciano, né? O Povo tem uma grande virtude de, se você perceber o jornalismo que se faz no Norte e Nordeste do Brasil, você vai perceber que bem poucos jornais conseguem fazer o jornalismo que a gente faz. É só você perceber os estados do Norte e Nordeste: quantos jornais podem se equiparar ao nível de jornalismo que O Povo faz? E O Povo tem uma pretensão anunciada, pelo próprio dono do

Jornal em todo e qualquer evento em que O Povo comparece, de ser o maior jornal regional do Brasil até o ano 2000. Ou seja, perder só para os grandes quatro jornalões: Folha (de São Paulo), JB (Jornal do Brasil) e Estadão (Estado de São Paulo), e de ser O Povo depois deles. Se o jornal tem essa pretensão de ser o maior jornal regional até lá, até o ano 2000, e falta um ano e meio, ele vai ter que corrigir alguns vícios, entre esses vícios, está esse aí. Ou o jornal faz isso, ou não vai conseguir manter essa posição.

Entrevista - Lira Neto, você disse que se continuasse no cargo de ombudsman, estava aguardando o ano de eleições pra ver se o jornal iria...

Lira Neto - Continuasse? Mas tu queres me depor antes? (risos)

Entrevista - Se você continuar, né?

Lira Neto - Não... Mas até o final do ano eu estou garantido!

Entrevista - Você ia aguardar o ano de eleição pra ver se o jornal

A entrevista com Lira Neto foi a que exigiu maior preocupação da turma quanto à elaboração da pauta.

incorreria em algum erro e comentaria isso na sua coluna. Em duas colunas suas, você já levantou a questão do desembargador, que teve muito espaço, e do Amarílio Macêdo. Há quase um consenso de que, no *Vida & Arte* e no suplemento *Sábado*, a *Secretaria de Cultura - Secult -* e o *Paulo Linhares*, que é candidato, têm muito espaço também. Já houve algum comentário com relação a ele na coluna externa de ombudsman? (O desembargador citado é o presidente do Tribunal de Justiça do Estado, José Maria Melo. Em coluna do dia 9 de fevereiro deste ano, Lira Neto criticou os "espaços generosos" que ele recebeu no *O Povo* por conta de suas realizações à frente do Tribunal e inauguração de fóruns no Interior. Na época, Melo era cotado como possível candidato do PSDB ao governo do Estado. Amarílio Macêdo é empresário, também foi pré-candidato ao Governo do Estado pelo PSDB, iniciando uma campanha na imprensa de promoção do seu nome. Sua candidatura acabou não se concretizando em consequência do apoio maciço de seu partido à reeleição de Tasso Jereissati. Paulo Linhares é ex-secretário de Cultura do Estado, afastou-se do cargo para concorrer a deputado estadual pelo PSDB)

Lira Neto - Belíssima pergunta, porque me dá a oportunidade de falar alguma coisa interessante. Na época em que eu editei o *Sábado*, a primeira fase, o *Sábado* era financiado pela Secretaria de Cultura. Agora eu faço o seguinte desafio: eu quero que vocês peguem o *Sábado* na primeira fase - esse é um desafio sério -, da época que o *Sábado* era *standard*, era tamanho grande, preto e branco ainda, peguem ele do primeiro ao último número dessa fase e mostrem pra mim onde foi que a Secretaria de Cultura pautou. Talvez vocês percebam um número, foi justamente quando o *Sábado* estava morrendo. Talvez num dos últimos. E vocês vão perceber que a Secretaria de Cultura pautou aquele *Sábado* lá. Eu disse: "Ó, é o seguinte, está morrendo... Então chutaram o penico, vamos chutar a tampa também, né?" O *Sábado*, esse que está aí, surgiu a partir de uma pesquisa de mercado feita pelo Governo do Estado dizendo: "Qual o caderno de cultura seria mais interessante pra promover a Secretaria de Cultura?" Eu não sei como é que me mantiveram, eu quando era editor do *Sábado* lá, como é que me mantiveram também na direção do *Sábado* novo, da nova reformulação. Quando eu

percebi o que tinha acontecido, na segunda semana eu pulei fora e deixei que o *Sábado* seguisse o rumo dele. Quando eu percebi que ia ser uma espécie de "Diário Oficial" da Secult. Nada contra o Paulo Linhares, pelo contrário, eu acho que o Paulo Linhares tem uma novidade imensa em relação à Secretaria de Cultura, com relação às Secretarias anteriores, isso eu não tenho a mínima dúvida. Mas eu não conseguiria trabalhar num "Diário Oficial" de uma Secretaria, seja ela qual fosse.

É claro que esse *Sábado* surgiu com a intenção de promover uma Secretaria de Cultura. Na hora que a Secretaria de Cultura achou que ele não era mais interessante, a Secretaria tirou o patrocínio. Se você ler o *Sábado* que saiu na semana passada e pegar o *Sábado* de algumas semanas anteriores, você vai perceber um detalhe: o *Sábado*, de doze páginas, passou pra oito. Quando essa entrevista tiver sido publicada, eu espero que o *Sábado*

“...vocês vão esperar que eu esteja acima do bem e do mal? Claro que devo ter cometido injustiças, claro! Não seria humano se não tivesse cometido. Não sou Doutor Spock”

ainda circule. Porque o que acontece é o seguinte: na época que as empresas começam a enxugar, começam a cortar custos em nome da tal "qualidade total", o que elas fazem? A primeira coisa é eleger os supérfluos. Sabe qual é o primeiro supérfluo que a empresa acha que é? É o caderno de cultura. É por isso que o *Sábado* diminuiu de doze para oito e é por isso que eu digo que vou ficar muito feliz se, no dia em que essa entrevista tiver publicada, *O Povo* ainda tiver um caderno chamado *Sábado*, com todos os defeitos dele, com todas as imperfeições.

Entrevista - Só um minutinho, mas você não respondeu o que eu perguntei. Se na sua crítica externa de ombudsman você comentou o fato do *O Povo* dar muito espaço no *Vida & Arte* e no *Sábado* ao Paulo Linhares e à Secretaria de Cultura?

Lira Neto - Não, não. Eu coloquei muito isso na crítica interna e é um negócio que me coça até hoje pelo fato de não ter colocado isso...

Entrevista - Mas você destacou o Amarílio Macêdo.

Lira Neto - Fui abalroado por alguns episódios. O próprio episódio do meritíssimo lá, do desembargador, o próprio episódio do Amarílio, que eram coisas que, se eu tinha um projeto, um plano de alguns temas, esse era um dos temas. Só que ele foi abalroado. E como hoje a Secult saiu do *Sábado*, eu disse: "Pôxa, grande oportunidade eu perdi!" Eu acho que, até hoje, isso mexe comigo. Seria um fato interessantíssimo.

Entrevista - Foi esquecimento?

Lira Neto - Não, não foi não. Isso, como eu te disse, foi atropelado por outros episódios que eu achei, no momento, mais graves. Quando eu vi aquele anúncio lá do Amarílio daquele tamanho se confundindo com um material do *People* (*caderno de amenidades e colonismo social que circula aos domingos no O Povo*), eu não tive dúvida: adiei o tema e... pá! Taquei Amarílio. Antes tinha adiado por conta do meritíssimo, que o meritíssimo tinha dado uma declaração, o desembargador José Maria de Melo, tinha dado uma declaração interessantíssima, que era: "A imprensa é amiga da gente", pra justificar o espaço que ele estava tendo, que ele estava tendo na imprensa local. Então, quando eu percebi isso, eu disse: "Home, eu vou ter que escrever sobre esses temas". Ai esse tema ficou adiando, adiando, adiando; acabei perdendo porque a Secult saiu.

Entrevista - Você colocou na crítica interna, mas vai colocar na crítica externa ainda?

Lira Neto - Isso, eu espero ter um gancho suficiente pra isso. Ele (Paulo Linhares) é candidato. Ele é candidato.

Entrevista - Lira, o seu discurso está sempre repleto de citações. Logo no início da entrevista, você citou o Mário Quintana, Machado de Assis, Monteiro Lobato... Hoje a sua coluna - publicada semanalmente - sempre começa com uma citação. Isso é uma mania do Lira apaixonado pela Literatura ou existe alguma outra razão pra você se apropriar um pouco desse discurso de outros autores?

Lira Neto - Eu acho que existem afinidades eletivas e você sempre está querendo... Por favor, que isso não pareça nunca uma coisa pedante de dizer: "Olha, o cara vive citando alguém pra dizer que leu fulano". Não é isso. É tipo demonstrar algumas afinidades eletivas. É só um dado a mais, uma



Havia receio por parte dos estudantes sobre como abordar assuntos delicados como, por exemplo, o desempenho e postura do entrevistado no atual cargo de ombudsman do jornal *O Povo*.

Para alguns jornalistas do *O Povo*, Lira trouxe à tona discussões importantes sobre ética jornalística; para outros, eletivamente utilizado o cargo de ombudsman para se promover.



Alguns de seus comentários internos geraram polêmica com os jornalistas. Exemplo: o que critica uma reportagem sobre a situação dos trabalhadores rurais assentados no Interior do Ceará.

informação a mais, uma demonstração de carinho, inclusive, para as pessoas que eu cito.

Entrevista - *Você escreveu esses pequenos livros de poesia e acabou indo parar no Jornalismo, passou essa década até agora como jornalista. Mas você tem planos pra voltar a escrever? Eu soube que você está escrevendo um livro sobre o Rodolfo Teófilo (médico e escritor cearense. Durante as secas de 1898 e 1900 acudiu em defesa da população de Fortaleza ameaçada por uma epidemia de varíola. Sua atitude foi vista como um desacato ao governo de Nogueira Accioly, de quem era opositor. Pertenceu ao movimento realista na Literatura, tendo sido presidente da primeira grande agremiação literária do Ceará, a Padaria Espiritual. Suas principais obras foram: A Fome, Os Brilhantes e Maria Rita), que é uma biografia. Quais são seus planos? E isso representa uma retomada do Lira literato, escritor, ou não?*

Lira Neto - Esse livro do Rodolfo é a grande coisa que hoje me entusiasma, além do mandato de ombudsman. Eu acho que o Sábado que eu editei me deu uma virtude, me deu uma possibilidade de reaproximação da cidade da mesma forma que quando eu era repórter de Cidades. Foram dois instantes em que eu me aproximei de Fortaleza. Comecei a descobrir a história dessa cidade. Nós não conhecemos a história de Fortaleza. É impressionante! Vocês conhecem a história dessa cidade? Ninguém conhece. Eu não conhecia. Eu não sabia, por exemplo, que, há cem anos, tinha acontecido aqui uma epidemia de varíola que tinha matado um terço da população inteira e que um sujeito, sozinho, montou num cavalo e saiu vacinando a cidade e, em quatro anos, ele erradicou a varíola. A varíola que tinha matado, num só dia, mil pessoas.

Quando foram fazer o SANEAR (projeto de saneamento básico criado pelo Governo do Estado na gestão *Ciro Gomes*), as máquinas lá começaram a descobrir valas coletivas e disseram: "O que é isso? É um campo de concentração?" Não. A nossa memória é tão curta que a gente não sabia que, há cem anos, pessoas tinham sido, por conta dessa história da epidemia da varíola, enterradas em valas comuns. Quando eu comecei a perceber que essa cidade tinha uma história riquíssima, eu disse: "Eu preciso de um personagem pra contar a história dessa cidade". E me apaixonei por um, que é o Rodolfo Teófilo, que hoje é só

um nome de um bairro da cidade. Quando eu descobri que Rodolfo Teófilo tinha participado de todos os movimentos sociais, literários, econômicos, políticos, da época, da virada do século, eu disse: "Pronto! Encontrei o personagem". Na verdade, essa biografia é a biografia dessa cidade.

Entrevista - *Mas por que em forma de uma biografia? É mais viável comercialmente?*

Lira Neto - Não, não, não. Sabe por quê? Porque, paralelo a essa paixão pela cidade, eu também me apaixonei pelo Rodolfo Teófilo. Isso foi uma paixão muito forte (risos). O livro, pra você ter uma idéia, eu estou tendo uma dificuldade em terminar o livro porque eu não estou conseguindo matar o Rodolfo Teófilo. Eu não estou conseguindo escrever o capítulo da morte dele. E essa interação com o personagem foi tão grande que é mais do que uma biografia. Eu estou escrevendo-a em forma de romance. É tudo

"Eu recebi o telefonema de um leitor que me perguntou assim: 'mas será que tu estás pregando para o deserto? Porque tu falas, falas, falas e não acontece nada?'"

pesquisado, são três anos de pesquisa, pesquisa minuciosa indo a arquivos, tudo. Cada dado lá tem um documento que eu comprovo, mas eu me permiti entrar na alma dele. Eu permiti um trânsito na alma desse personagem. E aí é que essa paixão está. Pra você ter uma idéia, quando eu estava descrevendo a varíola, eu tive uma inflamação no corpo terrível! Eu tive uma alergia, não era outra coisa, era a memória do Rodolfo. Eu fiquei completamente inflamado, eu me coçava inteiro, tive de ligar o ventilador, o ar-condicionado.

Então houve uma empatia tremenda com esse personagem, houve um caso de amor tremendo com ele e esse livro eu acho que talvez seja essa síntese, porque o livro é, ao mesmo tempo uma biografia, ou seja, eu recorro à historiografia, eu recorro também ao Jornalismo e eu recorro à Literatura, até pela forma que ele é narrado. Um livro narrado como um romance. E o Rodolfo vai estar de corpo presente:

ele menino, ele homem, ele velho e ele morrendo - esse capítulo está difícil pra mim - e o que sobrou dele nessa cidade. O livro termina, só pra dizer pra vocês - eu vou "estragar" o final do livro porque, para mim, é o melhor deles e eu vou contar pra vocês em primeira mão, que o livro termina com a casa em que morou Rodolfo Teófilo sendo demolida. Tem a morte dele, que é o capítulo que eu estou tentando escrever, e o capítulo final que já está escrito, que é a casa dele sendo demolida e a imprensa inteira - meu amigo Rogaciano Leite (*jornalista, poeta e escritor cearense morto em 1992*) inclusive escreveu a matéria sobre isso no *O Povo* e está lá narrado por ele com fotos e tudo o mais. A imprensa inteira diante da casa e a dona da casa lá ordenando ao pedreiro que derrube, e ele disse: "Mas a senhora vai derrubar a casa do Rodolfo Teófilo?" Ela disse: "Eu não sei quem é Rodolfo Teófilo!" É a cidade falando, né? Essa falta de memória da gente falando. Ele disse: "Tá aí, ó, o nome dele na placa!" Aí ela olha para o pedreiro e diz: "Comece a derrubar pela placa!" E o pedreiro pega a alavanca, isso está documentado em fotografia, o pedreiro pega a alavanca e derruba a placa e a placa cai no chão e parte no meio e ela diz: "Agora quebre em pedaços. Transforme isso em farinha". Tudo documentado pelos jornais da época. O livro termina justamente com o pedreiro com a alavanca reduzindo a história do Rodolfo Teófilo a pó. Eu acho que é mais ou menos isso que está acontecendo com essa cidade. Na hora que a gente está aqui nesse bar, a gente está vendo a Praia de Iracema virar isso. É só olhar para os lados.

Entrevista - *Você acredita, então, no casamento entre Jornalismo e Literatura?*

Lira Neto - (pausa) Acredito. Hoje eu acho que essa é a minha grande busca. Talvez eu tenha que ter caminhado esse tempo todo pra perceber isso: que é esse casamento que me trouxe ao Jornalismo e talvez seja esse o meu caminho de volta pra Literatura.

Entrevista - *Mas esse livro significa essa retomada de produção literária?*

Lira Neto - Eu acho que sim. Acho que tem outros personagens. Eu tenho projetos, inclusive, muito mais audaciosos do que o do Rodolfo. Eu quero, depois do Rodolfo, fazer uma biografia, que também é mais uma notícia em primeira mão pra vocês. Depois da biografia do Rodolfo, vou escrever outra que é a biografia do

Outro comentário diz respeito à matéria sobre a vida de um sucateiro que, inconformado com a morte da mulher, dormiu sobre seu túmulo no cemitério São João Batista. Lira Neto acusou a matéria de explorar o lado trágico da história, sendo coprofética.

Nogueira Accioly (*político cearense, representante da chamada Oligarquia Acciolina, grupo que dominou a cena política no Estado entre 1896 e 1912. Foi presidente da Assembleia Legislativa e da então Província do Ceará. Chegou a ser eleito Senador do Império, mas não assumiu o cargo, tolhido pelo advento da República*), que também hoje só é o nome de uma rua. Ele é um dos maiores inimigos do Rodolfo Teófilo, só que eu vou ser mais ousado e vou contar essa biografia em primeira pessoa. É o Nogueira Accioly, o oligarca, que foi apelidado de babaquara, ele vai contar a sua própria história, ou seja, a história existe a partir do vilão. A história é sempre contada a partir dos heróis. Então, Nogueira Accioly, o vilão, vai contar a sua própria história.

Entrevista - *Você disse durante a pré-entrevista que, quando terminar o seu cargo de ombudsman, você não tem pretensão de renovar e nem quer voltar para a redação. Então, o que é que te aponta em termos de perspectiva? É retomar a carreira literária que você deixou na juventude?*

Lira Neto - Não é que eu não queira voltar para a redação. Eu acho que aprendi com essa pausa que me foi dada pelo fato de ter sido ombudsman, que aquela vida doida, vida maluca que tinha me apaixonado no dia em que eu abri a porta da redação do Diário do Nordeste pra ganhar o meu emprego de revisor, talvez aquela adrenalina toda não me seduzia mais tanto. Posso queimar a língua e voltar para a redação, sim. Mas, com certeza, eu quero fazer outras coisas além disso. Eu acho que confio tanto na possibilidade de juntar essa coisa da palavra cada vez mais ao exercício do prazer que eu espero que possa, não viver disso, mas encontrar uma atividade que me dê a possibilidade de voltar a escrever e escrever, inclusive, profissionalmente.

Eu não queria terminar essa entrevista sem dizer a vocês uma coisa que, quando eu era editor-assistente, trabalhando quatorze horas por dia, um dia eu tive que sair mais cedo da redação, às três horas da tarde, pra pegar o meu filho que tinha terminado uma provano colégio dele. Foi, depois de um ano, a primeira vez que eu saí, à luz do dia, da redação. Eu sempre entrava às oito da manhã e saía às dez da noite. Almoçava no jornal e trabalhava esse tempo todo dentro do jornal. Um dia meu filho precisou que eu o pegasse mais cedo na escola e fui

buscá-lo no colégio. Foi quando eu vi o sol. Parecia um vampiro que tinha saído assim da própria tumba e visto o sol. Aquele sol me cegou e eu disse: "Gente, como é que eu estou aqui na redação, atrás de um birô, decidindo qual vai ser a manchete de amanhã, qual vai ser a foto da primeira página, quais vão ser as chamadas de capa, se eu não sei o que está acontecendo no mundo lá fora? Se eu tô preso dentro da redação? Se eu virei um burocrata?" E eu só espero que, se eu tiver que voltar para a redação, não seja mais no papel do burocrata. E confio, não sei como, mas confio que um dia eu possa vir a escrever profissionalmente fora da redação. Ou seja, também é uma forma que a redação me dá de sobreviver a partir da escrita, a partir da palavra. Eu quero continuar a fazê-la, continuar a exercê-la, sem necessariamente estar lá dentro. Dentro daquela "fábrica de fazer louco", que é a redação.

“...quando eu estava descrevendo a varíola eu tive uma inflamação no corpo terrível! Eu tive uma alergia, não era outra coisa, era a memória do Rodolfo”

Entrevista - *Lira, você terminou o curso de Comunicação em 96 e participou da revista Entrevista. Conhece o projeto, sabe das boas intenções da revista...*

Lira Neto - Mais do que boas intenções!

Entrevista - *Eu gostaria que você falasse qual a sensação que você teve ao ser informado de que tinha sido um dos escolhidos pra fazer parte dessa Entrevista como entrevistado e a sensação que você tem agora, que a gente está encerrando esta entrevista?*

Lira Neto - Eu pensei que ia começar a entrevista por aí. E quando eu percebi que não ia ter mais possibilidade de falar sobre isso, eu fiquei até um pouco triste. Porque assim, essa revista, qualquer pessoa que tenha passado pela Comunicação, tem um carinho extraordinário por ela porque sabe que ela é fruto de uma atitude um tanto quanto "quixotesca" de um professor que insiste, aos trancos e barrancos, em fazer diferente, em

insistir que a gente pode ter um curso melhor, uma formação melhor e tudo o mais. Eu me lembro que, na época em que estava selecionando na minha turma - uma turma pequena, não era do tamanho da de vocês - os caras que nós iríamos entrevistar, nós escolhemos três grandes caras, que foram: o José Alcides Pinto, o Gervásio de Paula (*jornalista cearense, trabalhou nos jornais Diário do Nordeste e O Povo e no alternativo Pixote. Atualmente colabora com uma página de humor na internet*) e o Estrigas (*artista plástico cearense*). Quando eu disse: "Cara, eu vou fazer parte de uma galeria tão célebre!" E quando vejo nas entrevistas, nas revistas *Entrevista* anteriores, nas entrevistas que já saíram (emociona-se)... Isso não é só uma honra, não. Isso é um prazer tremendo e a primeira coisa que me tocou foi o medo, foi o susto de fazer parte dessa galeria. E agora, nesse momento, o que eu estou sentindo é assim... (faz

uma pequena pausa) Eu estou parecendo a Xuxa, eu estou muito feliz de estar com vocês (risos). Mas é muito legal essa sensação, eu acho que eu nunca tinha sentido... Eu sempre estava do outro lado, era sempre eu que entrevistava. Minha vida inteira de jornalista era de entrevistar, não de ser entrevistado. É uma sensação ao mesmo tempo terrível porque você está imprensado contra a parede, mas de um prazer tremendo de fazer esse exercício do diálogo. Eu acho que o Ronaldinho (professor Ronaldo Salgado) busca justamente isso: a essência do diálogo, que vocês descubram a importância do diálogo, que vocês percebam a importância do "chegar ao outro", do descobrir inclusive os abismos que o outro às vezes guarda de uma forma muito recolhida e que não quer confessar a ninguém.

Eu disse pra vocês umas coisas que eu acho que eu não disse pra ninguém. Tem coisas aqui que eu vou morrer de medo de ler, mas eu tinha que dizer porque se não essa entrevista não seria a entrevista que eu deveria ter dado pra essa turma e pra essa revista. Eu sabia que eu teria de fazer uma entrevista confessional e vim preparado pra isso, mas não sabia que ia me despertar tanta emoção. Que ia doer, que ia ser bom da forma que foi. Tem respostas muito dolorosas aqui. Vocês vão saber na hora que estiverem tirando a fita - e vocês perceberam pelos meus olhos, que vocês não são bobos - aonde foi que doeu e onde é que foi bom (pausa) Obrigado pra vocês.



A grande maioria da redação discordou de seu posicionamento, também manifestado em sua coluna externa, e enviou por escrito uma defesa da reportagem, assinada por diversos jornalistas.